

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

**Vera Regina Bolsson Escobar**

**ESCOLA INFANTIL CANGURU (1977-2005):**

**UM ESTUDO A PARTIR DE MEMÓRIAS E DOCUMENTOS**

São Leopoldo

2010

Vera Regina Bolsson Escobar

ESCOLA INFANTIL CANGURU (1977-2005): UM ESTUDO A PARTIR DE  
MEMÓRIAS E DOCUMENTOS

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação pelo curso de Pós Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientador(a): Prof(a). Dra. Beatriz T. Daudt Fischer

São Leopoldo

2010

E74e Escobar, Vera Regina Bolsson

Escola Infantil Canguru (1977-2005): um estudo a partir de memórias e documentos / Vera Regina Bolsson Escobar. -- 2010.

74 f. ; 30cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2010.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Terezinha D. Fischer.

1. Escola Infantil. 2. Formação continuada. 3. Infância. 4. Prática pedagógica. I. Título. II. Fischer, Beatriz Terezinha D.

CDU 372.4

*Sempre disse que teria uma filha,  
que seria professora  
e que teria uma escola.*

## **AGRADECIMENTOS**

*À minha filha Ariane Bolsson Escobar, razão de minha existência. Mesmo não compreendendo a dimensão deste agradecimento, a importância deste trabalho e o porquê das minhas ausências constantes, quero registrar aqui toda minha gratidão pela filha maravilhosa que ela é, sempre colaborando, mesmo nos momentos mais difíceis, sempre estando ao meu lado, quando necessário, desde muito cedo.*

*Quero estender minha gratidão aos meus pais, que sempre me incentivaram afirmando que nunca é tarde para o estudo e que tudo sempre vale a pena.*

*Aos meus professores e funcionários, que entenderam os momentos difíceis e a falta de paciência.*

*Às minhas crianças, por terem acreditado e mostrado que tudo que é possível na busca de continuidade no que diz respeito às questões ligadas à infância.*

*Aos pais de determinadas crianças, que acreditaram que tudo vale a pena no que se diz respeito às questões de cuidar e educar, acreditando nesta proposta.*

*À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Beatriz Daudt Fischer, por acreditar e me dar tempo para a elaboração desta pesquisa.*

*Ao PPG da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e à professora Rosane Molina, pela oportunidade de suporte técnico e prático de uma verdadeira gestão referente à Educação Infantil.*

*Enfim, finalizo agradecendo a um ser supremo que me iluminou e me guiou nos momentos mais difíceis e que sempre me apontou novos caminhos, seja através do incentivo da minha filha Ariane ou do apoio dos meus queridos pais.*

## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa, intitulado “Escola Infantil Canguru (1977-2005): um estudo a partir de memórias e documentos” aborda parte significativa da história e memória desta instituição educacional, de natureza privada, situada no município de Porto Alegre/RS. Os dados levantados permitem comprovar que desde sua fundação, a escola atua com Educação Infantil, envolvendo propostas de inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais a partir de projeto pedagógico, no qual o cuidar e o educar estão sempre presentes. Além disso, a investigação permitiu verificar que a meta de formação continuada dos seus professores manteve-se constante. A pesquisa foi concretizada por meio de documentos preservados no arquivo passivo da escola e também por meio de depoimentos de sujeitos que, de alguma forma, fizeram parte do processo de construção desta trajetória. O trabalho analisa as práticas educativas desenvolvidas com os pequenos, bem como a abrangência de oportunidades em termos de formação continuada. Os depoimentos buscaram evidenciar as possibilidades de formação de crianças, docentes, funcionários e demais pessoas ligadas à instituição, dando um sentido bastante significativo ao potencial de pesquisa que emerge dos documentos materiais e circunstanciais, a partir de pessoas, imagens e práticas observadas nessa instituição.

Palavras-chave: Infância. Educação Infantil. Formação Continuada. Memórias Documentadas.

## **ABSTRACT**

This survey, entitled “Infantile School Kangaroo (1977-2005): a study from memories and documents”, discuss about the history and the memory of this private educational institution, localized in the Porto Alegre/RS/Brasil. The research proves that since the foundation, the school focus on childhood education, specially on children with special necessities. This institution focus also on the teacher’s permanent formation. The survey was accomplished by school’s documents and through testimonies from people that have contribute to the construction process. The survey analysis the educational practices and its reach in terms formative. The testimonies put on evidence the care from the teachers to the children, the permanent teacher’s courses, giving to it’s a sufficiently meaning sense to the survey’s potential that emerges from material and circumstantial documents from people, pictures and practices observed in this institute.

Key words: Childhood. Childhood Education. Memories.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2 PROBLEMA DE PESQUISA, QUESTÕES E OBJETIVOS</b> .....	<b>13</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA TEMÁTICA DA INFÂNCIA</b> .....	<b>15</b>
<b>4 EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: ALGUMAS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS</b> .....	<b>21</b>
<b>5 EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS</b> .....	<b>24</b>
5.1 CONSTITUIÇÃO FEDERAL - 1988.....	25
5.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA LEI DE DIRETRIZES E BASES E SEU PAPEL JUNTO À EDUCAÇÃO INFANTIL.....	27
5.3 CONSIDERAÇÕES A CERCA DA PROFISSIONALIZAÇÃO DA MULHER .....	33
5.4 EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESPAÇO FEMININO.....	33
5.5 O PROCESSO DE GESTÃO E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS .....	36
<b>6 O SURGIMENTO DA ESCOLA CANGURU</b> .....	<b>38</b>
6.1 DESTAQUES DA HISTÓRIA E SEUS CONTEXTOS.....	42
6.1.1 <i>Estruturação</i> .....	43
6.1.2 <i>O trabalho de oficinas</i> .....	48
6.1.3 <i>Outros projetos desenvolvidos na escola</i> .....	50
<b>7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>52</b>
<b>8 ANÁLISE</b> .....	<b>57</b>
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>67</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>71</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>130</b>



## 1 INTRODUÇÃO

*Meu pai montava a cavalo, ia para o campo,  
Minha mãe ficava sentada cosendo.  
Meu irmão pequeno dormia.  
Eu sozinho menino entre mangueiras  
Lia a história de Robinson Crusóe  
Comprida história que não acaba mais  
Eu não sabia que minha história  
Era mais bonita que a de Robinson Crusóe.  
Carlos Drummond de Andrade*

Sempre gostei muito de brincar.

Também sempre tive muitos amigos em função de morar em casa, numa zona tranquila onde brincávamos na calçada, na qual havia um campo no fundo da minha casa, com pássaros e cavalos.

Meus pais me permitiam ter galinhas, e eu aproveitava esta oportunidade para vender ovos para a vizinhança.

Na minha infância surgira a oportunidade, através do jogo simbólico, estimulado pela minha tia professora, chamada Julieta Bolsson, de eu ser a “professora” na hora do brinquedo da casinha. Também junto desta minha tia, já aos 5 anos de idade, uma das minhas principais atividades era acompanhar esta minha tia, durante um turno do dia, na sua escola, na qual a mesma era diretora. Lá fui alfabetizada e já me relacionava com crianças das mais diversas classes sociais.

Aos cinco anos de idade ingressei no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho no período de 13 anos de minha vida, em Porto Alegre. Instituição de normas rigorosas, na qual a moral “era fundamental”, por exemplo, a blusa deveria estar para dentro da saia evitando aparecer a barriga; outro exemplo, a meia deveria ser branca e dobrada duas vezes na canela.....

Fui boa aluna, principalmente nas áreas humanas, nunca repeti nenhum ano, mas também nunca fui aluna nota “10”.

Sempre me relacionei bem com as freiras e, por ser “gorda”, eu não levava dinheiro para merenda, mas lanchava na cantina do colégio em troca de varrer o chão da mesma, sempre demonstrei iniciativa e independência visando meus objetivos.

Conversava muito em sala de aula, mas nunca desrespeitei os professores.

A vontade de ser professora me possibilitou a ver no educar “ essa qualidade de plantador e sempre senti em meu interior o desejo de influenciar nos processos de formação do indivíduo. A presença do lúdico, as vivências em grupo; como a família, a escola, os amigos, além da companhia de educadores afetivos e comprometidos com meu processo de formação, determinaram a solidificação dessa estrutura de desejo e busca.

O resultado de tal aptidão me levou ao Curso Normal no ano de 1964. Nele recebi meus primeiros ensinamentos efetivos. Foi nessa plataforma que estruturei o que fui e sigo adquirindo, fazendo as adaptações que são necessárias. Mas vale lembrar que a postura tradicional dessa escola, aliada às questões de ordem social, preparava o professor para ser “formador”, conteudista e pouco questionador.

Em meio à rigidez do período ditatorial, a forma como o indivíduo (aluno) era tratado e visualizado me deixava inquieta. Nessa época não sabia ainda o que estava errado. Quando iniciei minha prática docente, após o estágio supervisionado do magistério, senti quais eram os pontos que me faziam pensar.

Como professora do Instituto Educacional João XXIII, nesse momento, tive na minha classe, os primeiros casos de inclusão. Minha busca desde então não parou, pois era necessário que eu me instrumentalizasse para ensinar essas crianças. Mudei então o meu olhar sobre o indivíduo, passei a me preocupar mais em “como essas crianças poderiam aprender”. Paralelo a isso, também ministrava aulas para

adultos do curso de psicologia da educação e para adolescentes, fazia orientação educacional e constatei, através desta experiência, a importância e a necessidade de um olhar para a primeira infância, visto estar presente nelas o alicerce da construção da aprendizagem.

Comecei a analisar as várias práticas pedagógicas ao meu redor, então não poderia mais me omitir de contribuir para uma mudança: participei ativamente de um serviço de treinamento para professoras jardineiras, no qual o objetivo era capacitar o professor, com estrutura teórico/prática, oportunizando ao mesmo estágio supervisionado na própria escola.

A vivência do ensino superior e a convivência com o meio escolar viabilizaram o sucesso deste projeto. Depois de concluída minha formação acadêmica, vislumbraram-se vários caminhos, os quais sempre projetados para a formação do professor, cujos resultados seriam dirigidos aos alunos.

Paralelamente, estruturei o Serviço de Orientação Educacional da Associação Cristã de Moços, trabalhei nos cursos do PREMEM/UFRGS como professora de Psicologia da Adolescência e da Aprendizagem e no Grupo Escolar Rubem Berta, fui coordenadora do Serviço de Orientação Educacional. Foi o auge das minhas descobertas e questionamentos, pois, através das diversas realidades, mais uma vez me deparei com a cruel realidade brasileira, o professor por um lado, pouco valorizado, o aluno não desejoso, apresentando fracasso escolar, desistindo de suas metas, fundamentalmente na passagem do ensino fundamental para o ensino médio, o fatídico conflito, matemática x química; física x geografia... por isso senti a necessidade de integrar e ajustar o currículo, proporcionando ao sujeito, professor/aluno, o suporte necessário para exercer sua cidadania. Não gostava de assistir à angústia daquele professor ante a necessidade de passar seus conteúdos, nem de ver alunos cancelando suas matrículas, em função de necessidades especiais de aprendizagem.

Nesse contexto, em meados dos anos 70, durante um momento na UFRGS, surgiu a oportunidade de abrir uma escola na qual seriam resgatados, na medida do

possível, todos os aspectos que eu achava determinantes para o sucesso da Educação Infantil, a começar pela preocupação com a formação permanente das professoras. Foi uma experiência significativa realizada em Porto Alegre. Significativa não só sob o ponto de vista de minha trajetória pessoal e profissional, mas também sob o ponto de vista de sua relevância social ao longo dos anos. Mais recentemente parte desta experiência foi trazida para outro espaço e contexto (São Leopoldo). Muitos de seus propósitos continuaram. Cabe saber quais permaneceram, quais se modificaram e as razões de permanências e mudanças.

Pois é sobre esta história que agora busquei pesquisar, buscando reconstituir a trajetória desta instituição, abarcando o recorte temporal entre 1977 e 2005.

Importante ressaltar que, no início do percurso deste estudo, percebi necessidade de transitar por alguns temas relacionados à infância, educação infantil e formação de professoras, no intuito de melhor me inteirar de alguns aspectos teóricos relacionados ao tema de pesquisa, principalmente considerando ter estado afastada da vida acadêmica nos últimos anos que precederam ao Mestrado. Assim, decidi incluir alguns aspectos destas aprendizagens na parte inicial da dissertação.

## 2 PROBLEMA DE PESQUISA, QUESTÕES E OBJETIVOS

Quando nos propomos a desenvolver um processo investigativo, e fundamental, antes de tudo, ter claro desde o início qual a pergunta desencadeadora que definitivamente impulsiona, com maior vigor, a energia a ser canalizada nas etapas a seguir. Neste estudo, mergulhando em leituras, dúvidas, idas e vindas em torno do problema a ser analisado, acabei por construir como problema de pesquisa a seguinte questão: Quais as marcas significativas que permitem reconstruir a história da Escola Infantil Canguru?

Decorrente desta questão mais ampla, desdobraram-se demais dúvidas que permitiram com maior objetividade os caminhos escolhidos. São elas:

- Como deve se caracterizar uma escola de Educação Infantil para um adequado desenvolvimento da criança?

- Que desafios são colocados à gestão diante do compromisso de dar continuidade ao processo de formação dos docentes?

- Como surgiu e como se caracterizou Berçário e Creche Mamã Canguru em Porto Alegre? Quais foram as principais realizações, os principais problemas e dificuldades? Quais as lembranças de pais, professores e funcionários daquela época?

- Quais os princípios, crenças, objetivos que nortearam a proposta pedagógica então desenvolvida?

Seguindo no processo, como pesquisadora fui percebendo a importância de ver e rever idéias e passos previamente esboçados no projeto, em especial após as considerações da banca examinadora. Assim defini que coletar e analisar dados

relacionados à trajetória da Escola Infantil Canguru<sup>1</sup>, a fim de reconstituir sua história no período entre 1977 e 2005, constituiria o objetivo central deste estudo. Entretanto, para melhor condução do mesmo, foram também traçados alguns objetivos específicos, permitindo a esta pesquisadora estruturar com maior adequação os encaminhamentos teóricos e operacionais. Assim, após leituras e reflexões em torno do tema e considerando os propósitos que se tinha em vista, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar referenciais sobre a infância contemporânea e educação infantil.
- Discorrer acerca da responsabilidade da gestão diante do desafio da formação das professoras da instituição.
- Historiar a origem e principais realizações da Escola Infantil Canguru em sua primeira etapa (Porto Alegre, 1977-2005), a partir da memória de sujeitos que lá trabalharam, bem como a partir de documentos preservados.
- Identificar algumas marcas significativas presentes na proposta pedagógica da instituição, no período demarcado para este estudo.

---

<sup>1</sup> Neste documento estará sendo utilizado de um modo geral a denominação Escola Canguru. O nome Berçário e Creche Mamãe Canguru refere-se à primeira etapa da instituição, quando a mesma localizava-se no município de Porto Alegre. O nome atual (em São Leopoldo) é Escola Infantil Canguru.

### 3 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA TEMÁTICA DA INFÂNCIA

Os profissionais que trabalham na educação e no âmbito das políticas sociais direcionados à infância enfrentam imensos desafios: questões relativas à situação política e econômica e à pobreza das populações, questões de natureza urbana e social, problemas específicos do campo educacional que, cada vez mais, assumem graves proporções e têm implicações serias, exigindo respostas firmes e rápidas, nunca fáceis.

Segundo os ensinamentos de Sonia Kramer:

Vivemos um paradoxo de possuir um conhecimento teórico complexo sobre a infância e de ter muita dificuldade de lidar com populações infantis e juvenis. Refletir sobre esses paradoxos e sobre a infância, hoje, é condição para se planejar o trabalho na creche e na escola e para implantar o currículo. Como as pessoas percebem as crianças? Qual é o papel da infância na sociedade atual? Que valor é atribuído à criança por pessoas de diferentes classes e grupos sociais? Qual o significado de ser criança nas diferentes culturas? Como trabalhar com as crianças de maneira que sejam considerados seu contexto de origem, seu desenvolvimento e o acesso aos conhecimentos, direito social de todos? Como assegurar que a educação cumpra seu papel social diante da heterogeneidade das populações infantis e das contradições da sociedade?<sup>2</sup>

Quando Philippe Áries, em seu estudo sobre a história social da criança e da família, analisa o surgimento da noção de infância na sociedade moderna, explicita que as concepções sobre infância são construídas social e historicamente. Ou seja, a inserção concreta das crianças e seus papéis variam conforme tempo histórico e contexto cultural.<sup>3</sup>

Acrescenta ainda Sonia Kramer que ao longo do século XX cresceu o esforço pelo conhecimento da criança, em vários campos do conhecimento.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> KRAMER, Sonia. **Infância, cultura e educação**. São Paulo: Autêntica, 2000. p. 89.

<sup>3</sup> ARIËS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. Traduzido por Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978-1981. p. 36.

<sup>4</sup> KRAMER, 2000, p. 74.

A idéia de infância não existiu sempre e da mesma maneira. Ao contrário, a noção da infância surgiu com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudavam a inserção e o papel social da criança na sua comunidade.

Aprendemos com esses estudos: a condição e natureza histórica e social das crianças; a necessidade de pesquisas que aprofundem o conhecimento sobre as crianças em diferentes contextos; e a importância de atuar considerando-se essa diversidade. E a busca de uma psicologia baseada na história e na sociologia, as teorias de Vygotsky<sup>5</sup> e Wallon<sup>6</sup> e seu debate com Piaget<sup>7</sup>, revelam esse avanço e revolucionam os estudos da infância.

---

<sup>5</sup> Lev Vygotsky desenvolveu a teoria sócio-cultural do desenvolvimento cognitivo. A sua teoria tem raízes na teoria marxista do materialismo dialético, ou seja, que as mudanças históricas na sociedade e a vida material produzem mudanças na natureza humana. Vygotsky abordou o desenvolvimento cognitivo por um processo de orientação. Em vez de olhar para o final do processo de desenvolvimento, ele debruçou-se sobre o processo em si e analisou a participação do sujeito nas atividades sociais. Ele propôs que o desenvolvimento não precede a socialização. Ao invés, as estruturas sociais e as relações sociais levam ao desenvolvimento das funções mentais. Ele acreditava que a aprendizagem na criança podia ocorrer através do jogo, da brincadeira, da instrução formal ou do trabalho entre um aprendiz e um aprendiz mais experiente. O processo básico pelo qual isto ocorre é a mediação (a ligação entre duas estruturas, uma social e uma pessoalmente construída, através de instrumentos ou sinais). Quando os signos culturais vão sendo internalizados pelo sujeito é quando os humanos adquirem a capacidade de uma ordem de pensamento mais elevada., ALMADA, Ana. Lev Vygotsky. Nota Positiva. Disponível em: <[http://www.notapositiva.com/trab\\_professores/textos\\_apoio/psicologia/teoriaspiagetvygostsky.htm](http://www.notapositiva.com/trab_professores/textos_apoio/psicologia/teoriaspiagetvygostsky.htm)> Acesso em: 26 mai. 2010.

<sup>6</sup> Henri Wallon, além de elaborar uma teoria sobre o desenvolvimento humano, em virtude de sua preocupação com a educação, escreveu também sobre suas ideias pedagógicas apontando bases que a psicologia pode oferecer à atuação pedagógica e o uso que a pedagogia pode fazer dessas bases, além de se nutrir da experiência pedagógica e equilíbrio dinâmico da pessoa em desenvolvimento. Wallon admite a existência de três leis que regulam o processo de desenvolvimento da criança em direção ao adulto: a lei da alternância funcional, a da preponderância funcional e a da integração funcional. A primeira, chamada lei da alternância funcional, indica duas direções opostas que se alternam ao longo do desenvolvimento: uma centrípeta, voltada para a construção do eu e a outra centrífuga, voltada para a elaboração da realidade externa e do universo que a rodeia. Essas duas direções se manifestam alternadamente, constituindo o ciclo da atividade funcional. A segunda é a lei da sucessão da preponderância funcional, na qual as três dimensões ou subconjuntos preponderam, alternadamente, ao longo do desenvolvimento do homem: motora, afetiva e cognitiva. A função motora predomina nos primeiros meses de vida da criança, enquanto as funções afetivas e cognitivas se alternam ao longo de todo o desenvolvimento, ora visando a formação do eu (predominância afetiva), ora visando o conhecimento do mundo exterior (predominância cognitiva). A última lei, chamada de lei da diferenciação e integração funcional, diz respeito às novas possibilidades que não se suprimem ou se sobrepõem às conquistas dos estágios anteriores, mas, pelo contrário, integram-se a elas no estágio subsequente. A integração dos três subconjuntos funcionais: motor, afetivo e cognitivo; constitui o último e quarto subconjunto funcional. Para Wallon, em qualquer momento, ou fase do desenvolvimento, a pessoa é sempre uma pessoa completa. DOURADO Ione Collado Pacheco, PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. Henri Wallon: Psicologia e Educação. (PUC/SP). Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/24/T2071149960279.doc>>. Acesso em: 26 mai. 2010.



Numa sociedade desigual, as crianças desempenham, nos diversos contextos, papéis diferentes. A ideia de infância moderna foi universalizada com base em um padrão de crianças das classes médias a partir de critérios de idade e de dependência do adulto, característicos de sua inserção no interior dessas classes.

No entanto, é preciso considerar a diversidade de aspectos sociais, culturais e políticos: no Brasil, as nações indígenas, suas línguas e seus costumes; a escravidão das populações negras; a opressão e a pobreza de expressiva parte da população; o colonialismo e o imperialismo que deixaram marcas diferenciadas no processo de socialização de crianças e adultos.

Recentemente, outras questões inquietaram os que trabalham na área, tanto que alguns pensadores, como Neil Postman, denunciaram o desaparecimento da infância:

Perguntam “*De que infância nós falamos?*”, uma que a violência contra as crianças e entre elas se tornou constante. Imagens de pobreza de crianças e trabalho infantil retratam uma situação em que o reino encantado da infância teria chegado ao fim. Na era pós-industrial não haveria mais lugar para a idéia de infância, uma das invenções mais humanitárias da modernidade; com a mídia e a internet, o acesso das crianças a informações adultas teria terminado por expulsá-las do jardim da infância. Mas a idéia de infância que

---

<sup>7</sup> Jean Piaget foi um dos investigadores mais influentes do séc. 20 na área da psicologia do desenvolvimento. Piaget acreditava que o que distingue o ser humano dos outros animais é a sua capacidade de ter um pensamento simbólico e abstrato. Ele acreditava que a maturação biológica estabelece as pré-condições para o desenvolvimento cognitivo. As mudanças mais significativas são mudanças qualitativas, em gênero, e não qualitativas, em quantidade. Segundo ele, existem 2 aspectos principais nesta teoria: o processo de conhecer e as etapas pelos quais nós passamos à medida que adquirimos essa habilidade. A formação de Piaget como biólogo influenciou ambos os aspectos desta teoria. Como biólogo, Piaget estava interessado em como um organismo se adapta ao seu ambiente, ele descreveu esta capacidade como inteligência. O comportamento é controlado através de organizações mentais denominadas “esquemas”, que o indivíduo utiliza para representar o mundo e para designar as ações. Piaget descreveu 2 processos utilizados pelo sujeito na sua tentativa de adaptação: assimilação e acomodação. Estes 2 processos são utilizados ao longo da vida à medida que a pessoa se vai progressivamente adaptando ao ambiente de uma forma mais complexa. À medida que os esquemas se vão tornando mais complexos (i.e., responsáveis por comportamentos mais complexos) eles são estruturas “terminais” e à medida que as estruturas de uma pessoa se vão tornando mais complexas, elas são organizadas também de forma mais hierarquizada. (i.e., do geral para o específico). ALMADA, Ana. Lev Vygotsky. Nota Positiva. Disponível em: <[http://www.notapositiva.com/trab\\_professores/textos\\_apoio/psicologia/teoriaspiagetvygotsky.htm](http://www.notapositiva.com/trab_professores/textos_apoio/psicologia/teoriaspiagetvygotsky.htm)>. Acesso em: 26 mai. 2010.

entra em crise ou a crise é a do homem contemporâneo e suas idéias?<sup>8</sup>

A infância estaria desaparecendo? A ideia de infância surgiu no contexto histórico e social da modernidade, com a redução dos índices de mortalidade infantil, graças ao avanço da ciência e a mudanças econômicas e sociais.

Essa concepção, segundo Philippe Ariès, nasceu na classe média e foi marcado por um duplo modo de ver as crianças, pela contradição entre moralizar, treinar, conduzir, controlar a criança e paparicar, achará engraçadinha, ingênua, pura, querer mantê-la como criança.<sup>9</sup>

A miséria das populações infantis daquela época e o trabalho escravo e opressor desde o início da revolução industrial condenavam-nas a não serem crianças: meninos trabalhavam nas fábricas, nas minas de carvão, nas ruas. Mas até hoje o projeto de modernidade não é real para a maioria das populações infantis, em países como o Brasil, onde não é assegurado às crianças o direito de brincar, de não trabalhar.

Segundo Sonia Kramer, a criança:

Não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista.<sup>10</sup>

Aprendemos com Paulo Freire que educação e pedagogia dizem respeito à formação cultural, o trabalho pedagógico precisa favorecer a experiência com o conhecimento científico e com a cultura, entendida tanto na sua dimensão de

---

<sup>8</sup> POSTMANN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999. p. 134.

<sup>9</sup> ARIÈS, 1978-1981, p. 36.

<sup>10</sup> KRAMER, 2000, p. 78.

produção nas relações sociais cotidianas, como na dimensão de produção historicamente acumulada, presente na literatura, na música, na dança, no teatro, no cinema, na produção artística, histórica e cultural que se encontra nos museus. Essa visão pedagógica ajuda a pensar sobre a creche e a escola nas dimensões política, ética e estética.<sup>11</sup>

Educação infantil supõe envolver conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e riso. O cuidado, a atenção, o acolhimento estão presentes na educação infantil; a alegria e a brincadeira também. É preciso garantir que as crianças sejam atendidas nas suas necessidades (a de aprender e a de brincar), que o trabalho seja planejado e acompanhado por adultos na educação infantil e no que saibamos reconhecer e trabalhar com as crianças como crianças.<sup>12</sup>

No Brasil, temos hoje importantes documentos legais: a Constituição de 1988, a primeira que reconhece a educação infantil como direito das crianças de 0 a 6 anos de idade, dever de estado e opção da família; o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069, de 1990)<sup>13</sup>, que afirma os direitos das crianças e as protege; e a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996<sup>14</sup>, que reconhece a educação infantil como primeira etapa da educação básica.

Todos esses documentos são conquistas dos movimentos sociais, movimentos de creches, movimentos de fóruns permanentes na educação infantil. E qual tem sido a ação desses movimentos e das políticas públicas nos municípios?

---

<sup>11</sup> FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 29.

<sup>12</sup> KRAMER, 2000, p. 84.

<sup>13</sup> O ECA foi instituído pela Lei 8.069 no dia 13 de julho de 1990. Ela regulamenta os direitos das crianças e dos adolescentes inspirado pelas diretrizes fornecidas pela Constituição Federal de 1988, internalizando uma série de normativas internacionais. É um conjunto de normas do ordenamento jurídico brasileiro que tem como objetivo a proteção integral da criança e do adolescente, aplicando medidas, e expedindo encaminhamentos. WIKIPEDIA. A Enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto\\_da\\_Crian%C3%A7a\\_e\\_do\\_Adolescente](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuto_da_Crian%C3%A7a_e_do_Adolescente)>. Acesso em: 26 mai. 2010.

<sup>14</sup> A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) define e regulariza o sistema de educação brasileiro com base nos princípios presentes na Constituição. Foi citada pela primeira vez na Constituição de 1934. A primeira LDB foi criada em 1961, seguida por uma versão em 1971, que vigorou até a promulgação da mais recente em 1996. WIKIPEDIA. A Enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei\\_de\\_Diretrizes\\_e\\_Bases\\_da\\_Educa%C3%A7%C3%A3o\\_Nacional](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_de_Diretrizes_e_Bases_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_Nacional)>. Acesso em: 26 mai. 2010.

As conquistas formais têm se concretizado em políticas públicas efetivas? Sabemos que não. A rede privada tem aí ocupado um espaço significativo.

Ressalta Sonia Kramer:

As crianças têm o direito de estar numa escola estruturada de acordo com uma das muitas possibilidades de organização curricular que favoreçam a sua inserção crítica na cultura. Elas têm direito às condições oferecidas pelo estado e pela sociedade que garantem o atendimento de suas necessidades básicas em outras esferas da vida econômica e social, favorecendo mais que uma escola digna, uma vida digna.<sup>15</sup>

Essas e muitas outras são questões enfrentadas cotidianamente na Escola Infantil Canguru, cuja história pretendemos preservar e cuja proposta pretendemos aperfeiçoar a partir das contribuições deste estudo.

---

<sup>15</sup> KRAMER, 2000, p. 88.

## 4 EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: ALGUMAS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Na Educação Infantil no Brasil, o conceito único de infância foi desmistificado, chamando atenção para o fato de que existem infâncias e não infância, pelos aspectos sociais, culturais e econômicos que envolvem essa fase da vida. Esse olhar para a infância possibilita ver as crianças pelo que são no presente, sem se valer de estereótipos, idéias pré-concebidas ou de práticas educativas que visam a moldá-la em função de visões ideológicas e rígidas de desenvolvimento e aprendizagem.

No Brasil, as grandes desigualdades na distribuição de renda e de poder foram responsáveis por infâncias distintas para classes sociais também distintas. As condições de vida das crianças fizeram com que o significado social dado à infância não fosse homogêneo. Como afirma Mary Del Priore:

A história da criança brasileira não foi diferente da dos adultos, tendo sido feita à sua sombra. Sombra de uma sociedade que viveu quase quatro séculos de escravidão, tendo a divisão entre senhores e escravos como determinante da sua estrutura social.<sup>16</sup>

As crianças das classes mais abastadas, segundo a autora, eram educadas por preceptores particulares, não tendo frequentado escolas até o século XX, e os filhos dos pobres, desde muito cedo, eram considerados força produtiva, não tendo a educação como prioridade.<sup>17</sup>

Como se sabe, em nosso país ainda é recente a busca pela democratização da escolarização obrigatória. Conforme Anelise Monteiro do Nascimento, “ainda temos muito a construir, visando uma priorização do estudo na vida dos jovens em

---

<sup>16</sup> PRIORE, Mary Del (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 85.

<sup>17</sup> PRIORE, 1999, p. 97.

geral e, junto a isso, um olhar diferenciado pela escola nas suas especificidades, visando concretizar o processo democrático”.<sup>18</sup>

Refletir a infância em sua pluralidade dentro da escola é, também, pensar nos espaços que têm sido destinados para que a criança possa viver esse tempo de vida com todos os direitos e deveres assegurados. Precisamos de tomada de consciência quanto ao fortalecimento da organização coletiva de estudos sobre infância e educação, envolvendo professores, gestores, coordenadores e demais profissionais que trabalham na escola, pois encontramos adultos, dentro e fora da escola, que desconsideram a criança como ator social.

Nesse sentido, Anelise Monteiro do Nascimento afirma a respeito do papel da escola:

Se acreditarmos que o principal papel da escola é o desenvolvimento integral da criança, devemos considerá-la na dimensão afetiva, ou seja, nas relações com o meio, com as outras crianças e adultos com quem convive; na dimensão cognitiva, construindo conhecimentos por meio de trocas com parceiros mais ou menos experientes e do contato com o conhecimento historicamente construído pela humanidade; na dimensão social, freqüentando não só escolas como também outros espaços de integração como praças, clubes, festas populares, espaços religiosos, e outras instituições culturais; na dimensão psicológica, atendendo suas necessidades básicas, como, por exemplo, espaço para falar e escutar, carinho, atenção, respeito aos seus direitos – o que, de fato, está proposto em diretrizes diversas emanadas dos órgãos oficiais, como Ministério da Educação, por exemplo.<sup>19</sup>

Cabe destacar que assumir o desenvolvimento integral da criança e se comprometer com ele não é uma tarefa só dos professores, mas de toda a comunidade escolar. Para considerar a infância em toda a sua dimensão, é preciso olhar não só para o cotidiano das instituições de ensino como também para os outros espaços sociais em que as crianças estão inseridas.

---

<sup>18</sup> NASCIMENTO, A. M. **A Infância na Escola e na Vida: Uma Relação Fundamental**. Disponível em <<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1062>>. 26 mai. 2010.

<sup>19</sup> NASCIMENTO, A. M. **A Infância na Escola e na Vida: Uma Relação Fundamental**. Disponível em <<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1062>>. 26 mai. 2010.

Crianças que vivem nas áreas metropolitanas trazem desafios para este momento. Quem são essas crianças? De que e onde brincam? Quais são seus interesses? Como realizar um diálogo entre as vivências das crianças dentro e fora da escola? Será que a busca por essas respostas pode colaborar para aperfeiçoar nossa proposta de escola?

Acredita Anelise Monteiro do Nascimento que é necessário:

Definir caminhos pedagógicos nos tempos e espaços da escola e da sala de aula que favoreçam o encontro da cultura infantil, valorizando as trocas entre todos os que ali estão, em que as crianças possam recriar as relações da sociedade na qual estão inseridas, possam expressar suas emoções e formas de ver e de significar o mundo, espaços e tempos que favoreçam a construção da autonomia. Esse é um momento propício para análise dos aspectos que envolvem a escola e do conhecimento que nela será produzido, tanto pelas crianças, a partir do seu olhar curioso sobre a realidade que a cerca, quanto pela mediação do adulto.<sup>20</sup>

Fazendo hoje leituras como estas, avaliando o que dizem atualmente os estudiosos acerca da infância e da Educação Infantil, é possível verificar que muitas destas questões já faziam parte das preocupações ao se propor a criação da Escola Infantil Canguru, na cidade de Porto Alegre, embora não se utilizassem os mesmos termos e conceitos, nem tampouco se tivesse acesso à universalidade de tantas bibliografias.

Já naquele tempo enfrentavam-se desafios e nos perguntávamos até que ponto estávamos preparados para criar espaços de trocas e de aprendizagens significativas, nos quais as crianças pudessem viver a experiência de um ensino rico em afetividade.

---

<sup>20</sup> NASCIMENTO, A. M. **A Infância na Escola e na Vida: Uma Relação Fundamental**. Disponível em <<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1062>>. 26 mai. 2010.

## 5 EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS

É provável que as novas gerações nem possam se dar conta, mas até recentemente a criança em nosso país não era encarada como cidadã, como um sujeito de direitos garantidos. Até o final da década de noventa, havia um discurso que falava da necessidade de creches e pré-escolas, mas o atendimento não era obrigatório por parte das instituições públicas ou por parte do Estado. Ou seja, as crianças de classes econômicas e menos favorecidas eram em geral atendidas a partir de contribuições assistencialistas ou por verbas que vinham esporadicamente de fontes federais.

Nos municípios, muitos clubes de serviço (Lions, Rotary, entre outros) colaboravam com campanhas de manutenção de berçários e creches.<sup>21</sup> A função das instituições esteve vinculada ao educar e ao cuidar de crianças pequenas, prática esta encarada até então como um favor, tanto pelos legisladores quanto para a população em geral. Esta situação, em parte, vem se modificando por força de legislação recente.

Conforme é de conhecimento geral, os últimos anos podem ser considerados fundamentais no sentido da construção social de uma concepção de infância que considere as especificidades infantis. Essa construção vem sendo alimentada por debates e pesquisas realizadas por diferentes áreas do conhecimento e também por lutas políticas em defesa dos direitos das crianças e das famílias.

Acompanhando o percurso histórico da legislação brasileira, percebemos como o caráter das ações destinadas às crianças foi mudando ao longo dos anos. Passando por um período em que se apostava na criança pelo que ela poderia ser no futuro, hoje as leis se aproximam de uma concepção de infância alicerçada na história e na cultura.

---

<sup>21</sup> FISCHER, Beatriz T. Daudt. Educação Infantil no município berço da imigração alemã no sul do Brasil: histórias e políticas anteriores a 1988. **Actas do VII Congresso LUSOBRASILEIRO de História da Educação**, jun. 2008, Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (Universidade do Porto). 2008. p.34.



## 5.1 CONSTITUIÇÃO FEDERAL - 1988

Em vigor desde meados de janeiro de 1989, a Carta Magna Brasileira teve como principais características: garantia dos direitos individuais e fundamentais; implantação da democracia; aumento do número de legitimados e também ocasionou, subsidiariamente, avanços nas diferentes áreas de viver em sociedade: saúde, lazer, direitos individuais, propriedade, direitos políticos.

A partir desta, o tema Educação passa a ser dever do Estado e Direito do Cidadão, conforme Art. 208 da Constituição Federal:

O dever do estado com a educação será efetivado mediante garantia de:

- I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) (Vide Emenda Constitucional nº 59, de 2009)
- II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)
- III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;
- IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)
- V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;
- VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;
- VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.<sup>22</sup>

Atualmente tais instituições são subsidiadas por lei, o que gerou consequências, tais como: avanços, acesso à qualidade de ensino e evolução nas idéias institucionais. Vejamos a seguir algumas contribuições advindas de Leis e Programas para a modificação da situação anterior.

O texto Constitucional gerou impactos marcantes na área educacional, tais como: adoção do direito da criança e opção da família; desenvolvimento de políticas públicas para a faixa etária; novas instituições foram criadas para o atendimento à

<sup>22</sup> BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constitucao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constitucao/constitui%C3%A7ao.htm)>. 26 mai. 2010.

demanda; novos programas e ações, estes, criados e direcionados, com o intuito de aumentar o atendimento e a qualidade na área da educação infantil. Dentre estes se destacam o PROINFANTIL e o PROLETRAMENTO.

Seguindo informações do Ministério da Educação, o Programa PROINFANTIL pode ser definido como:

O Proinfantil é um curso em nível médio, à distância, na modalidade Normal. Destina-se aos professores da educação infantil em exercício nas creches e pré-escolas das redes públicas, municipais e estaduais e da rede privada sem fins lucrativos, comunitárias, filantrópicas ou confessionais, conveniadas ou não. O curso, com duração de dois anos, tem o objetivo de valorizar o magistério e oferecer condições de crescimento profissional ao professor.

Com material pedagógico específico para a educação a distância, o curso tem a metodologia de apoio à aprendizagem em um sistema de comunicação que permite ao professor cursista obter informações, socializar seus conhecimentos, compartilhar e esclarecer suas dúvidas, recebendo assim uma formação consistente.

Ao final do curso, o professor será capaz de dominar os instrumentos necessários para o desempenho de suas funções e desenvolver metodologias e estratégias de intervenção pedagógicas adequadas às crianças.

O Proinfantil é uma parceria do Ministério da Educação com os estados e os municípios interessados. As responsabilidades são estabelecidas em um acordo de participação, assinado pelas três esferas administrativas.

Para participar, o professor interessado deve procurar a secretaria de educação de seu município. Por sua vez, o município interessado deve procurar a secretaria de educação de seu estado.<sup>23</sup>

Em relação ao PROLETRAMENTO:

Programa de formação continuada de professores, para a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura/escrita e matemática, nas séries iniciais do ensino fundamental. Realizado pelo MEC, em parceria com Universidades que integram a Rede Nacional de Formação Continuada e com adesão dos estados e municípios. Destinado a professores que estão em exercício, nas séries iniciais do ensino fundamental das escolas públicas. Este funciona, na modalidade à distância, através de material expresso e vídeos, e

---

<sup>23</sup> BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)>. 26 mai. 2010.

contará com atividades presenciais, que serão acompanhadas por professores orientadores, chamados “tutores”.<sup>24</sup>

## 5.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA LEI DE DIRETRIZES E BASES E SEU PAPEL JUNTO À EDUCAÇÃO INFANTIL<sup>25</sup>

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9394/96, define e regulariza o sistema de educação brasileiro, com base nos princípios constitucionais. Fora citada pela primeira vez na Constituição de 1934. A primeira LDB foi criada em 1961, seguida por uma versão em 1971, que vigorou até a promulgação da mais recente em 1996.

Segundo o Ministério da Educação, as principais características da Lei de Diretrizes e Bases:

Darcy Ribeiro foi o relator da Lei nº9394/96;  
 Gestão democrática do ensino público e progressiva autonomia pedagógica e administrativa das unidades escolares (art. 3 e 15);  
 Ensino fundamental obrigatório e gratuito (art. 4);  
 Carga horária mínima de oitocentas horas distribuídas em duzentos dias na educação básica (art. 24);  
 Prevê um núcleo comum para o currículo do ensino fundamental e médio e uma parte diversificada em função das peculiaridades locais (art. 26);  
 Formação de docentes para atuar na educação básica em curso de nível superior, sendo aceito para a educação infantil e as quatro primeiras séries do fundamental formação em curso Normal do ensino médio (art. 62);  
 Formação dos especialistas da educação em curso superior de pedagogia ou pós-graduação (art. 64);  
 A União deve gastar no mínimo 18% e os estados e municípios no mínimo 25% de seus respectivos orçamentos na manutenção e desenvolvimento do ensino público (art. 69);  
 Dinheiro público pode financiar escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas (art. 77);  
 Prevê a criação do Plano Nacional de Educação (art. 87).<sup>26</sup>

<sup>24</sup> BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)>. 26 mai. 2010.

<sup>25</sup> BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)>. 26 mai. 2010.

<sup>26</sup> BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)>. 26 mai. 2010.

Com a promulgação da Constituição de 1988, as Leis de Diretrizes e Bases anteriores foram consideradas obsoletas, mas apenas em 1996 o debate sobre a nova lei foi concluído.

A atual LDB foi sancionada pelo então presidente, Fernando Henrique Cardoso, e pelo ministro da educação Paulo Renato, em 20 de dezembro de 1996. Baseada no princípio do direito universal à educação para todos, a LDB de 1996 trouxe diversas mudanças em relação às leis anteriores, como a inclusão da educação infantil (creches e pré-escolas) como primeira etapa da educação básica.

O texto, aprovado em 1996, é resultado de um longo embate, que durou cerca de oito anos, entre duas propostas distintas. A primeira conhecida como Projeto Jorge Hage foi o resultado de uma série de debates abertos com a sociedade, organizados pelo Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública, sendo apresentado na Câmara dos Deputados. A segunda proposta foi elaborada pelos senadores Darcy Ribeiro, Marco Maciel e Maurício Correa em articulação com o poder executivo através do MEC.

A principal divergência era em relação ao papel do Estado na educação. Enquanto a proposta dos setores organizados da sociedade civil apresentava uma grande preocupação com mecanismos de controle social do sistema de ensino, a proposta dos senadores previa uma estrutura de poder mais centrada nas mãos do governo. Apesar de conter alguns elementos levantados pelo primeiro grupo, o texto final da LDB se aproxima mais das idéias levantadas pelo segundo grupo, que contou com forte apoio do governo FHC nos últimos anos da tramitação.

A partir desta lei, a criança passa a ser considerada uma “cidadã” e não apenas um futuro cidadão em processo educacional, tendo assim, que ser respeitada enquanto ser em desenvolvimento com necessidades e características específicas, visando assim, a integração entre o cuidar e o educar.<sup>27</sup>

Parte-se do pressuposto de que uma lei, por estar inserida dentro de um ordenamento jurídico, deverá ser respeitada por todos, hipoteticamente, inclusive pelos órgãos públicos. Entretanto, é indispensável que antes de seguir qualquer preceito legal, se tenha conhecimento dos objetivos pela qual a lei foi criada. Maria Evelynna Pompeu do Nascimento assim descreve a respeito da Educação Infantil sob a ótica da LDB:

1º). ela é um direito da criança de 0 a 6 anos e um dever do Estado que se efetiva mediante atendimento em creches e pré-escolas (art.4º, IV);

<sup>27</sup> BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constitucao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constitucao/constitui%C3%A7ao.htm)>. 26 mai. 2010.

2º). não é obrigatória, o que significa que não há responsabilidade do Estado em prover imediatamente vagas para todo o universo populacional de 0 a 6 anos, nem todas as crianças entre 0 a 6 tem obrigatoriamente que freqüentar a educação infantil;  
3º). o atendimento, sempre que oferecido pelo Estado, é gratuito independentemente da condição social daquele que o procurar;  
4º). a educação infantil será submetida a padrões mínimos de qualidade de ensino que se operacionalizam, por variedade e quantidade mínimos, por aluno, de insumos indispensáveis para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem (Art. 4º, IX);  
5º). o poder público contemplará o acesso à educação infantil conforme as prioridades legais e constitucionais (Art. 5º, §2º). Isto significa que o ensino fundamental é a grande prioridade, estratégia com a qual concordamos e que reafirmamos neste momento.<sup>28</sup>

Assim, a Educação Infantil passa a se enquadrar nos sistemas municipais e estaduais de ensino como parte do ensino básico.

A LDB trouxe um avanço significativo da legislação, com o fato de ter aclarado o significado da inclusão das creches e pré-escolas nos sistemas de ensino. Uma questão que esta inclusão suscita, em relação aos profissionais da educação infantil, é que a abrangência da LDB se circunscreve ao perfil escolar desse profissional, ou seja, ao professor. Em decorrência, continuam à margem deste parâmetro legal os demais agentes educativos, tais como os recreacionistas, os monitores e outros.<sup>29</sup>

A lei institui as creches no sistema educacional, entretanto, enfrenta a contradição da política educacional, que, por meio de documentos produzidos em órgãos de planejamento e execução da política educacional, enfatizam que é no binômio educar e cuidar que devem estar centradas as funções complementares e indissociáveis dessa instituição.

---

<sup>28</sup> NASCIMENTO, Maria Evelynna Pompeu do. **Os profissionais da educação infantil e a nova lei de diretrizes e bases da educação nacional**. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (org.). **Educação Infantil Pós-LDB: Rumos e Desafios**. 6.ed. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 102-3.

<sup>29</sup> NASCIMENTO, Maria Evelynna Pompeu do. **Os profissionais da educação infantil e a nova lei de diretrizes e bases da educação nacional**. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (org.). **Educação Infantil Pós-LDB: Rumos e Desafios**. 6.ed. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 102-3.

Na verdade, é importante a análise de que não tem como uma estrutura escolar dar o suporte necessário para a operacionalização dos modelos de atendimentos multidisciplinar que pressuporia integração de ações de saúde, educação, assistência social e cultura. Por isso a afirmação de que a lei nº 9394/96 enfrenta certa tensão legislativa.<sup>30</sup>

Conforme rege o artigo 29 da LDB, todas as crianças com idades entre zero e seis anos deveriam ter um atendimento projetado para o seu desenvolvimento integral:

A educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus espaços físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A presença dessa dicotomia legalizada e institucionalizada nos remete à discussão do trabalho docente desenvolvido na Educação Infantil, que também reflete tal ruptura na prática cotidiana, especialmente nos espaços e nas instituições que recebem crianças de zero a seis anos.

A LDB modifica a forma que o professor e a criança são vistos. A criança, alvo do atendimento multifacetado, passa a ser considerada aluna, desde os três meses de idade, conforme o que consta no artigo 30: “A Educação Infantil será oferecida em creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II: pré-escolas para crianças de quatro a seis anos de idade”.

A própria legislação põe à mostra essa problemática que envolve o atendimento e divide as ações dentro do espaço da instituição de Educação Infantil. Ficamos com a cisão entre as ações e os profissionais que se envolvem mais em cuidado ou educação, submetendo a discussão e o atendimento a duas esferas: a educação e a assistência. Modificar essa concepção assistencialista da educação

---

<sup>30</sup> NASCIMENTO, Maria Evelyn Pompeu do. **Os profissionais da educação infantil e a nova lei de diretrizes e bases da educação nacional**. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (org.). **Educação Infantil Pós-LDB: Rumos e Desafios**. 6.ed. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 102-3.

significa estar atento a outras questões como: rever as concepções de infância e a formação docente. O profissional envolvido, conforme afirma Maria Evelyn Pompeu do Nascimento, é aquele com perfil de professor que deverá seguir conteúdos curriculares que observem diretrizes que enfatizam a “difusão de valores sociais, direitos e deveres da cidadania, respeito à ordem e ao bem comum”.<sup>31</sup> Cabe destacar ainda que a validade da Lei de Diretrizes e Bases está subsidiada na Constituição Federal e no ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), Lei nº 8069/90, o que a fez transformar-se em diretrizes e normas de extrema eficácia.

Historicamente, as creches sempre privilegiaram as ações dos indivíduos, privilegiando necessidades básicas, geralmente em período integral, com profissionais sem qualquer tipo de formação técnico-científica para tal função. Todavia, as pré-escolas têm se organizado com o intuito de propiciar melhor qualidade educacional, visando a preparação para o ensino fundamental. Assim, a mesma criança recebe tratamento diferente, de acordo com a instituição que frequenta. Dessa forma, verifica-se outro grave problema, que é a formação dos profissionais do ponto de vista institucional. A legislação prescreve na LDB como deve ser essa formação, conforme o Artigo 62:

A formação dos docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Novamente a legalidade em ação, sabedora da realidade em que se configura o quadro profissional, traduz, em artigos, incisos, propostas, diretrizes, sua ação e teoricamente pretende resolver a questão, dizendo:

A implementação das diretrizes relativas à política de recursos humanos engajados na Educação Infantil exigirá acordos e compromissos de co-responsabilidade dos diversos órgãos que

---

<sup>31</sup> NASCIMENTO, Maria Evelyn Pompeu do. **Os profissionais da educação infantil e a nova lei de diretrizes e bases da educação nacional**. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (org.). **Educação Infantil Pós-LDB: Rumos e Desafios**. 6.ed. Campinas: Autores Associados, 2007. p. 107.

atuam na área [...]. Faz-se necessário intensificar ações voltadas para a estruturação de processos de formação inicial e continuada dos profissionais da Educação Infantil. É fundamental o envolvimento das universidades nesse processo, especialmente por sua atuação na formação de formadores e na pesquisa e desenvolvimento na área.<sup>32</sup>

Da professora espera-se que tenha sensibilidade, tenha uma concepção de criança como sujeito histórico, social, cultural, biológico, cidadão, sujeito de direitos, que acumule conhecimentos sobre desenvolvimento da criança, que seja capaz de relacionar-se com o grupo de trabalho, tenha autonomia, seja crítica, criativa; diversas competências e habilidades que desenham um perfil profissional, nem sempre possível de se encontrar no cotidiano das instituições.

Nesse sentido, Magda Sarat faz a seguinte crítica a respeito dos cursos de formação educacional:

Nesse contexto, os cursos de formação deveriam dar ênfase ao entendimento da criança como um todo e formar uma pessoa capaz de superar a dicotomia educação e cuidado. No entanto, temos percebido, ao longo dos anos, que os cursos têm privilegiado o atendimento de crianças na faixa de quatro a seis anos, que, na Educação Infantil, integram a chamada pré-escola. Essa formação com um viés escolarizante e voltada para a discussão das ações de caráter pedagógico com intencionalidade educativa promove estágios e experiências somente no espaço da pré-escola, deixando à margem as instituições de atendimento da faixa de zero a três anos, chamadas creches pela nomenclatura atual e institucional, mas que, na prática, também atendem crianças até os seis anos de idade.<sup>33</sup>

A seriedade da profissionalização é fator essencial na formação profissional para o atendimento a crianças pequenas. O atendimento à criança precisa ser encaminhado através do desenvolvimento de ações competentes.

---

<sup>32</sup> SARAT, Magda. **Formação Profissional e Educação Infantil**: Uma história de contrastes. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/guairaca/17/artigo%208%20forma%E7%E3o%20profissional.pdf>>. Disponível em: 28 mai. 2010.

<sup>33</sup> SARAT, Magda. **Formação Profissional e Educação Infantil**: Uma história de contrastes. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/guairaca/17/artigo%208%20forma%E7%E3o%20profissional.pdf>>. Disponível em: 28 mai. 2010.



### 5.3 CONSIDERAÇÕES A CERCA DA PROFISSIONALIZAÇÃO DA MULHER

A história do atendimento à infância brasileira nos remete a um tempo em que trabalhar com criança era algo a ser feito de qualquer maneira, ou por qualquer profissional, desde que fosse “mulher” e tivesse um “jeito” para lidar com criança. Felizmente esse discurso está longe e caminhamos para a profissionalização cada vez maior das pessoas que atendem às crianças em creches e pré-escolas.

Atualmente muitos avanços estão presentes, inclusive de caráter legal. A legislação reconhece a Educação Infantil e a necessidade do atendimento. Entretanto, algumas lutas ainda estão por vir, entre elas uma política nacional para a Educação Infantil, que contemple não só a formação de profissionais, mas uma política orçamentária definida para que assim as crianças tenham um atendimento de qualidade.<sup>34</sup>

Para tanto, há que se propor a melhoria da formação, não somente nos cursos de graduação, mas em projetos de educação continuada e em serviço, que permitam às pessoas que já atuam ter uma experiência contínua de capacitação, com o objetivo de melhorar o atendimento e qualificar o ensino.

### 5.4 EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESPAÇO FEMININO

Novamente faz-se necessário nos reportarmos à história da formação de professores, destacando que o Brasil, como outros países, tem uma história marcada pelo processo de feminização do magistério. Assim sendo, um trabalho que anteriormente era realizado somente por homens, quando se inicia o processo de industrialização, perde a representação masculina em função dos baixos salários e passa por um processo de feminização, mudança que acaba submetendo as

---

<sup>34</sup> SARAT, Magda. **Formação Profissional e Educação Infantil**: Uma história de contrastes. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/guairaca/17/artigo%208%20forma%E7%E3o%20profissional.pdf>>. Disponível em: 28 mai. 2010.

mulheres a uma precária remuneração, fruto de uma concepção patriarcal, em que o homem seria responsável pela manutenção e pelo sustento da casa.

Segundo Elomar Tambara, “a feminização precoce do magistério tem sido responsabilizada pelo desprestígio social e pelos baixos salários da profissão”.<sup>35</sup>

Essa conceituação tem raízes históricas que refletem até os dias de hoje, em que as mulheres possuem menos direitos que os homens, e a pedagogia acabou sendo diminuída, por ser considerada uma profissão feminina.

Este desprestígio, relatado por Elomar Tambara, é explicado por Magda Sarat, da seguinte forma:

É possível percebermos que a história dessa formação deficiente está relacionada à organização social estabelecida e que, no curso do reconhecimento das mulheres como profissionais da educação, muitas dificuldades foram enfrentadas: as principais escolas normais – de Niterói, Bahia, São Paulo, Pernambuco, entre outras – foram destinadas exclusivamente aos elementos do sexo masculino, simplesmente excluindo – se as mulheres ou prevendo – se a futura criação de escolas normais femininas. Nos anos finais do império, as escolas normais foram sendo abertas às mulheres nelas predominando progressivamente a frequência feminina e introduzindo-se em algumas a co-educação.<sup>36</sup>

Essa inserção das mulheres no trabalho a partir da educação traz uma tradição da concepção de que lidar com as crianças pequenas poderia ser melhor realizado por mulheres, pois se aproxima da ideia de maternidade. A tarefa de educadora de crianças seria um prolongamento de seu papel como mãe, por isso a melhor destinação para esta tarefa.

Ainda assim, Magda Sarat ressalta a dupla função desta profissional:

---

<sup>35</sup> TAMBARA, Elomar. A feminização da feminização do magistério no Brasil. **Actas do VII Congresso LUSOBRASILEIRO de História da Educação**, jun. 2008. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (Universidade do Porto). 2008. p. 29.

<sup>36</sup> SARAT, Magda. **Formação Profissional e Educação Infantil: Uma história de contrastes**. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/guairaca/17/artigo%208%20forma%E7%E3o%20profissional.pdf>>. Disponível em: 28 mai. 2010.

Por um lado, uma profissional para as ações de “cuidado”, geralmente leigo, com baixos salários, carga horária de seis a oito horas por dia em tempo integral, trabalhando 11 meses por ano. Por outro lado, uma profissão com formação pedagógica, responsável pela “educação”, formada em cursos de nível médio ou superior, com melhores salários, carga horária de quatro horas diárias, trabalhando apenas no período letivo que segue o calendário escolar.<sup>37</sup>

Para uma mesma criança apresentam-se duas profissionais, criando, algumas vezes, inclusive problemas de relacionamento entre funcionários de uma mesma instituição. Concordo com a autora quando diz que é necessário deixar de lado a visão idílica que marcou a profissão, associando-a ao trabalho feminino, a uma vocação maternal, ou ainda a uma suposta missão sacerdotal, desenvolvida por mulheres submissas a um chamado vocacional. É preciso lembrar lutas empreendidas por mulheres (trabalhadoras e mães, em geral) visando melhores condições de vida e de trabalho, lutando por espaços adequados para seus filhos, reivindicando políticas sociais em defesa dos direitos da criança e em benefício das classes menos privilegiadas.

Acredito que a pedagogia como profissão realmente possa estar mais adequada às mulheres, não por desmerecimento a uma carreira desvalorizada atualmente no mercado de trabalho, infelizmente, mas por uma questão óbvia da natureza humana e instintiva, a maternidade, uma maneira mais prática de lidar com criança. Entretanto, esse fato não retira o foco em lutar por uma maior profissionalização da classe e, conseqüentemente, uma valorização.

Inegavelmente que esta luta se intensificou a partir da década de 80, mais precisamente resultado de inúmeras alterações legislativas, especialmente no que se diz respeito à promulgação da Constituição Democrática de 1988. A partir daí, a Educação Infantil finalmente foi contemplada como educação básica, provocando inúmeras mudanças no discurso da vocação, fazendo progredir a ideia profissionalizante da classe.

---

<sup>37</sup> SARAT, Magda. **Formação Profissional e Educação Infantil**: Uma história de contrastes. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/guairaca/17/artigo%208%20forma%E7%E3o%20profissional.pdf>>. Disponível em: 28 mai. 2010.

## 5.5 O PROCESSO DE GESTÃO E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS

Conforme tem sido divulgado a partir de experiências e pesquisas, o ideal dentro de uma organização educacional comporta gestão conjunta (coordenação pedagógica e administração), ambas concentradas num mesmo cargo, representando uma estrutura inovadora nos serviços para a primeira infância, garantindo maior probabilidade de alcance dos objetivos previstos no projeto político- pedagógico.

O perfil profissional do coordenador resulta ser extremamente articulado e complexo, sobretudo quando se pensa que essas competências pedagógicas estão inter-relacionadas às competências do tipo administrativo. A experiência ensina que o próprio coordenador é conhecedor de todas as questões relacionadas ao Projeto Político-Pedagógico da Escola e da sua administração, tornando-se muito difícil estabelecer os limites entre o aspecto técnico e o administrativo.

Em virtude desta característica complexa deste profissional é que procurei abranger estes dois aspectos, pois a coordenação conhece, sugere e salienta também aquelas questões de natureza burocrático-administrativa, pois, se estas não forem resolvidas, certamente tornar-se-ão empecilhos para a realização do Projeto Político-Pedagógico que, sempre vale salientar, não faz parte das atribuições de uma coordenação e, sim, de uma equipe diretiva.

As escolhas de caráter pedagógico devem encontrar um constante retorno junto ao administrativo. Além disso, a coordenação pedagógica é apenas um dos atores que comportam o coletivo da escola. Para coordenar, direcionando suas ações para a transformação é necessário, antes de tudo, estar consciente de que seu trabalho não decorre de forma isolada, mas, sim, numa ideia coletiva e abrangente, mediante a articulação dos diferentes atores escolares, no sentido da constituição do Projeto Político-Pedagógico transformador.

A ação do coordenador traz um fazer, um saber ser e um saber agir, que envolvem as dimensões técnico-humano-interacional e política desse profissional e se concretizam em sua atuação.<sup>38</sup> Nesse sentido, Perrenoud (apud PLACCO), salienta ser importante lembrar que:

Pensar a prática não é somente pensar a ação pedagógica na sala de aula, nem mesmo a colaboração didática com os colegas. É pensar a profissão, a carreira, as relações de trabalho e de poder nas organizações escolares, a parte de autonomia e de responsabilidade conferida aos professores, individual ou coletivamente.<sup>39</sup>

Os processos de formação continuada, da mesma maneira que a prática docente, não acontecem numa única direção, contemplando uma única dimensão. O que pode acontecer é que, em determinadas ocasiões e/ou contextos, se privilegia um desses aspectos.

Nem sempre é possível ter dois ou mais profissionais trabalhando na gestão em instituições de Educação Infantil. Muitas vezes o gestor é também o coordenador pedagógico. A gestão considera os princípios administrativos e pedagógicos fundamentais para o bom desenvolvimento institucional como um todo, além da organização, direção e controle. A mediação, portanto, é o elo das relações organizacionais produtivas, e traz como fundamento básico a relação de gestor com seus pares.

---

<sup>38</sup> PLACCO, Vera M. Nigro de S. **O coordenador pedagógico e a formação docente**. 8.ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 29.

<sup>39</sup> PLACCO, 2007, p. 29.

## 6 O SURGIMENTO DA ESCOLA CANGURU

Ao longo desses 33 anos trabalhando na área de educação, foi possível definir uma maneira muito particular de ver as coisas e, com certeza, senti em meu interior o desejo de influenciar nos processos de formação do indivíduo na sua totalidade.

A presença de atividades lúdicas, as vivências em grupo, participação constante de educadores afetivos e comprometidos com o meu processo determinaram a solidificação dessa estrutura de desejo e busca.

A forma como o indivíduo (aluno – criança – bebê) era tratado e visualizado deixava-me inquieta e não entendia o porquê. No início da minha prática pedagógica, após o então denominado Curso Normal, tive na minha classe, como primeira experiência, um caso de inclusão (na época identificava-se como “criança com problemas”, o termo “inclusão” ainda não era conhecido). Minha busca desde então não parou, pois era necessário que eu me instrumentalizasse para trabalhar com essas crianças.

Desta forma, passei a me preocupar como chegariam à fase adulta quanto a sua aprendizagem, pois o professor então trabalhava com crianças a partir da primeira série e as crianças ditas “pequenas” eram atendidas por profissionais sem formação.

Como pedagoga, ministrava aulas para adultos, promovidos pelo Convênio PREMEN-UFRGS/SEC, na disciplina de Pedagogia da Educação, e constatee a importância e a necessidade de um olhar para a primeira infância, visto estarem presentes nelas o alicerce da construção da aprendizagem. Compreender o processo de ensino-aprendizagem nesta perspectiva implica repensar de forma global as relações entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento; rompendo com conteúdos estabelecidos *a priori* fundados na concepção de pré-requisitos que selecionavam e classificavam os alunos, deixando pouco espaço para que fosse

realizado um processo real de construção do conhecimento, considerando o aluno/criança, em relação ao afeto, à inteligência e à vontade. Dessa forma, na época comecei a analisar as várias práticas pedagógicas ao meu redor, não podendo mais me omitir para que ocorressem mudanças.

Como orientadora educacional, deparei-me com inúmeros questionamentos, através das diversas realidades sócio-econômicas. De um lado o professor historicamente desvalorizado, de outro lado, o aluno não desejoso, apresentando o denominado fracasso escolar. Esse binômio me preocupava, frente à angústia daquele professor diante da necessidade de transmitir conhecimentos, sem pensar no seu aluno como um ser com vontade de aprender.

Frente a essas realidades, durante um momento, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em meados de 1977, surgiu a oportunidade de realizar um sonho: abrir uma escola. Conforme afirma Dom Helder Câmara: “Um sonho que se sonha só, é apenas um sonho, um sonho que se sonha junto é realidade que começa”.<sup>40</sup> E esse sonho se tornou realidade no final deste mesmo ano.

Para o sucesso desse projeto, comecei a trabalhar com uma colega da universidade federal, considerando, na medida do possível, todos os aspectos que acreditava determinantes na estrutura do mesmo. Neste primeiro ano, já em 1978, atendíamos a crianças na faixa etária de dois a seis anos.

Os docentes da escola, então denominada Berçário e Creche Mamã Canguru, foram selecionados nos cursos do SETREM (Serviço de Treinamento), um órgão que ministrava na época cursos para a educação infantil aos interessados em trabalhar com crianças nesta faixa etária; tal curso ocorria no Instituto Educacional João XXIII.<sup>41</sup> Cabe lembrar que, na década de 1970, o atendimento às crianças até 6 anos era realizado por cuidadoras, sem qualquer formação.

---

<sup>40</sup> Dom Helder Câmara escreveu a frase aqui citada.

<sup>41</sup> Fundado por grupo de educadores porto-alegrenses (Zilah Totta, Lília Rodrigues Alves, Leda Freitas e Frederico Lamachia), suas atividades tiveram início em 23 de agosto de 1964. Em tempos de regime militar, caracterizado pelo cerceamento da liberdade, seus idealizadores criaram uma escola diferente de todas as instituições existentes na época, educando para a responsabilidade, a liberdade, o trabalho e a solidariedade. Na década de 1970, esta instituição passou a também oferecer cursos de formação para pais e professores. WIKIPEDIA. A Enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 26 mai. 2010.

Em 1979, uma determinação legal trabalhista concedeu às empregadas domésticas melhores salários, o que passou a onerar aqueles que necessitavam de seus serviços.<sup>42</sup> Surgiu, portanto, maior procura por parte das famílias que tinham bebês, em busca de um local onde crianças de 0 a 2 anos tivessem um atendimento globalizado, envolvendo cuidado e educação especializada. Desta forma, a escola que eu dirigia passava a atender tal faixa etária.

Antes mesmo de estar instituída uma determinação legal apropriada, como veio a surgir em 1996 com o surgimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9394/96)<sup>43</sup>, sempre procurei desenvolver um trabalho profissional com traço de escola, e não de creche, ou seja, visando a qualidade da formação dos profissionais, incluindo também a limitação do número de alunos por sala de atendimento e a devida separação por faixas etárias conforme o desenvolvimento de cada criança em seu aspecto singular.

A partir desta perspectiva, foi possível o atendimento a crianças que apresentavam dificuldades específicas, como neurológicas, motoras, psicossociais. Aos poucos fui estruturando a equipe de especialistas composta por fonoaudióloga, psicomotricista e nutricionista, para que fosse possível trabalhar junto aos professores e que os mesmos pudessem entender que a educação é um processo contínuo. Comecei aos poucos, com o auxílio da especialista em fonoaudiologia, a assessorar pedagogicamente os professores.

Com o passar dos anos, pude perceber a importância para a qualidade do trabalho, de uma supervisão presente junto à equipe docente, discente e pais, para que, desta forma, dúvidas, questionamentos e demais aspectos que envolvessem o cuidar e o educar na sua forma global pudessem ser supridos. Devido à demanda, buscou-se assessoria de um professor representante, que na época era estudante de pedagogia, e de uma Associação de Pais e Mestres, APM, juridicamente reconhecida.

---

<sup>42</sup> Lei nº 5.859/79, denominada Lei dos Domésticos. NORMAS REGULAMENTADORAS. Segurança e Saúde no Trabalho. Disponível em: <<http://www.normasregulamentadoras.wordpress.com>>. Acesso em: 18 abr. 2010.

<sup>43</sup> LDB. BRASIL. Presidência da República. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 10 ago. 2010.



O professor representante me auxiliava com a elaboração de atas, cronograma de reuniões e, na medida do possível, me substituía na relação com os demais docentes. Já a Associação de Pais, através dos casais representantes de grupos, trazia ideias, críticas e sugestões, visando sempre à qualidade de atendimento e bem-estar da criança.

Essas assessorias oriundas do professor representante e das famílias proporcionaram-me, como supervisora, um novo desafio, e ao professor, uma prática inovadora, porque conduziu um movimento de criação conjunta ao exercício da liberdade e às possibilidades efetivas de parcerias. Ao longo dos dias, procurava acompanhar o trabalho, possibilitando desencadear um processo de reflexão na ação (formação continuada), durante o qual o professor vivenciava um novo jeito de ensinar e aprender.

Assim, diante desta experiência, cada professor/a revia sua maneira de ser e fazer, pois a inovação depende, entre outras coisas, da pessoa em sua atividade profissional. Com essa perspectiva, aproximamos as famílias e, juntos, estudamos e discutimos assuntos como: bebês (o que fazer com uma criança pequena, além do colo e afeto-estimulação); demais crianças (autonomia, limites e acordos).

A necessidade de um atendimento especializado como estratégia nos levava a um trabalho interdisciplinar. Somente esta forma de trabalho é que tornaria possível proporcionar às crianças e, inclusive, ao portador de necessidades especiais desenvolver-se plenamente. Para isso, a escola se propôs a incluir especialistas da área da educação e da saúde, trabalhando juntos com a família.

Era preciso construir um espaço que integrasse saúde, educação e lazer, ensinando a pensar e a aprender, favorecendo conhecimento e tranquilidade, promovendo o desenvolvimento das competências e potencialidades das crianças, professores e família.

O trabalho em todos os níveis era integrado de forma que todos os profissionais discutissem os objetivos e planejassem as atividades conjuntamente

com a equipe interdisciplinar. De fato, a escola de certo modo, desde sempre, esteve convicta da perspectiva hoje comumente reconhecida em discursos de intelectuais que estudam o tema, como Fernanda Carolina Dias Tristão: “instituições de educação infantil não devem ser concebidas como simples lugares de aplicação de saberes, mas como produtores de conhecimento sobre a infância”.<sup>44</sup>

Igualmente, a metodologia de trabalho incluía distribuir as crianças em níveis, de acordo com as faixas etárias e suas características, propondo atividades (criadas/planejadas) de modo muito similar àquelas atualmente sugeridas por pesquisadores que investigam questões pedagógicas para esta faixa etária.

## 6.1 DESTAQUES DA HISTÓRIA E SEUS CONTEXTOS

A Escola manteve um conjunto de propósitos e práticas pedagógicas que revelavam e caracterizavam a identidade da mesma. Tais ações ficaram explícitas quando se teve acesso aos diferentes tipos de documentos, fotos, que foram preservados ao longo dos anos de existência da escola.

Compartilho com Pierre Nora quando ele afirma que:

Tudo que é chamado hoje de memória, não é, portanto memória, mas já história. Tudo que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade de história.<sup>45</sup>

Na Escola Infantil Canguru sempre houve a preocupação em preservar registros, como documentos e fotos, o que permite hoje fazer uma retrospectiva das práticas. Além disso, a memória de quem nela atuou também colabora para retomar

---

<sup>44</sup> TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. Educadora de creches e desenvolvimento infantil. In: FILHO, Altino José Martins (org.). **Criança pede respeito**: temas de Educação Infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 57.

<sup>45</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dez. 1993.

algumas marcas significativas como, por exemplo, um conjunto de propósitos e práticas pedagógicas, como se pode constatar a seguir:

### 6.1.1 Estruturação

A estrutura física foi adaptada para a faixa etária de Berçário e Pré-Escola, com denominações utilizadas na época, com salas amplas, ambiente externo, conhecido por praça, localizada em frente à casa.

Havia também um ambiente coberto na parte de trás, que era composto pelas salas administrativas e diretivas e, junto a estas, localizava-se a biblioteca infantil e a sala de professores especializados.

Iniciou-se com as seguintes turmas: o Berçário, Mini-Grupo, Maternal, Jardim e Laboratório de Aprendizagem.<sup>46</sup> De acordo com a divisão de turmas, estabelecida conforme o critério de faixa etária e desenvolvimento. Assim, cada nível apresentava uma proposta, um planejamento, a partir da educação continuada, realizada com os profissionais.

No Berçário, com faixa etária compreendida entre 3 meses a 1 ano e 9 meses, a criança deveria apresentar, até o final do primeiro ano, as ações intencionais, com início da prensão, imitação de sons e gestos e desenvolvimento da memória.

Como atualmente sugerem Sônia Kramer e Luiz Cavalieri Bazílio, o cuidado, a atenção, o afeto e a alegria precisavam estar presentes neste nível, para que o bebê pudesse usar sua autonomia através do brinquedo saudável.<sup>47</sup>

Do primeiro ao segundo ano, a criança teria de adquirir força, precisão de movimentos e maior coordenação global, podendo entender limites e tornando-se

---

<sup>46</sup> Nomenclaturas designadas para as turmas da Escola Infantil Canguru.

<sup>47</sup> KRAMER, Sônia; BAZÍLIO, Luiz Cavalieri. **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 29.

mais independente. O desenvolvimento das crianças ocorre devido a uma conscientização corporal adequada, que vai sendo aplicada a objetos e a outras pessoas.

A presença do adulto, neste período, sempre foi fundamental para a saúde, higiene, alimentação e para o desenvolvimento emocional da criança, permitindo a imitação e o desenvolvimento da comunicação.

Dentre as atividades propostas com os bebês pode-se citar: brincadeiras de interação face a face; brincadeiras de esconder-achar; brincadeiras frente ao espelho; imitação vocal; imitação labial, línguas e bochechas; brincadeiras para a percepção auditiva: presença/ausência de sons e vocalizações; procura do estímulo sonoro; localização rápida de sons; música com gestos.

Na escola, sempre enfatizávamos as brincadeiras para a formação da noção de objetos e sua percepção e exploração. Priorizávamos o desenvolvimento motor, utilizando brincadeiras e técnicas específicas: rolar, arrastar, controlar a cabeça, sentar, engatinhar e, finalmente, andar.

Além disso, trabalhávamos no sentido de explorar, prevenindo sempre possíveis alterações posturais. Atividades na areia e na água, com caixas de papelão (para entrar e sair), contribuía para a estimulação sensitiva da criança.

A sala de aula do Berçário tornava-se um ambiente significativo, ambiente este que, de acordo com Zilma Ramos de Oliveira, “funciona como recurso de desenvolvimento, e, para isso, ele deve ser planejado pelo educar, parceiro privilegiado de que a criança dispõe”.<sup>48</sup>

A forma de organização do espaço físico da sala do Berçário foi sempre o foco de reflexão, pois a mesma influenciava no desenvolvimento das crianças. Os

---

<sup>48</sup> OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. p. 22.

diversos ambientes, dentro de uma mesma sala, favoreciam a estimulação dos fenômenos que rodeavam o bebê, tais como: audição, visão, paladar, dentre outros.

Questionava-se na época o caráter educativo das crianças pequenas, que estava muito mais direcionado para o cuidar do que propriamente para o educar, dissociando os dois termos.

Já na turma do Mini-Grupo, com a faixa etária entre 1 ano e 10 meses a 2 anos e 3 meses, a criança nesta idade internalizava situações variadas. Surgia a primeira fala através do corpo, que demonstrava claramente reações de agrado e de desagrado, exigia assim da criança o conhecimento do mesmo, de suas partes, controlando seus movimentos através de suas vivências.

Aos 18 meses, evidenciava-se a fantasia de fusão, o espaço de comunicação, a voz, o olhar, o objeto, o mediador de contato, o objeto relacional, a agressividade e a procura da identidade. Buscava-se a continuidade de todas as atividades corporais e sensitivas trabalhadas no Berçário, aparecendo jogos feitos com sucatas e materiais pedagógicos.

A criança conhecia todo o seu corpo, controlava os movimentos e vivenciava através dele com músicas, gestos e palmas. As atividades naturais, nesta faixa etária, eram fundamentais, como: correr, pular, puxar, dançar e arrastar, além do uso do espelho, para o desenvolvimento da sua própria auto-imagem.

A turma do Maternal, com idade compreendida entre 2 anos e 4 meses a 4 anos e 4 meses, explorava as habilidades motoras que se multiplicavam, além do desenvolvimento da linguagem, com expansão do vocabulário e da capacidade de compreensão.

Neste momento, as crianças estavam sempre em movimento: corriam mais do que andavam; sobiam escadas alternando os pés, pulavam, chutavam, davam cambalhotas. Exploravam os ambientes da escola com maior segurança e melhoravam seu sentido de direção.

Na área de linguagem, contavam pequenos casos e trechos de histórias, memorizavam e cantavam partes de músicas ou letras inteiras. Ela era utilizada com constância, constituindo um sistema pré-fabricado de sinais sonoros, oferecidos por seu meio social.

Seus movimentos manuais estavam mais ordenados, assim como sua capacidade de concentração, pois detinham-se por mais tempo em atividades de seu interesse.

Armavam brinquedos de encaixe e quebra-cabeças com pequeno número de peças, recortavam figuras, desenhando formas isoladas, favorecendo as suas próprias linguagens.

A turma do Jardim, com faixa etária de 4 anos e 5 meses a 6 anos, neste, o espaço nunca foi casual, pois, através dele, as crianças aprendiam conceitos de organização espaço-temporal, ampliando as percepções do ambiente escolar. Neste período, a criança sempre se mostrou ativa, imaginativa e falante, vivendo um período de grandes modificações de comportamento. Aumentava sua independência nas atividades da vida diária, adquirindo um pouco mais de autonomia na resolução de dificuldades, sem dispensar a ajuda e os cuidados do adulto.

Mantinham contatos mais duradouros, amistosos e cooperativos com os outros, preferindo a companhia delas à dos adultos. Aumentavam as agressões verbais, principalmente as que não são socialmente "aceitas" - apelidos pejorativos, deboches. Agressões físicas, embora menos frequentes, quando ocorriam, costumavam ser intensas.

A criança nessa faixa etária apresentava certo controle dos movimentos globais e bom equilíbrio corporal. Movimentava-se com maior rapidez e agilidade, inclusive para subir e descer escadas / andar sobre trilhos de pequenas alturas / andar e correr desviando-se de obstáculos. Reproduzia movimentos corporais simultâneos e dissociados simples. Acompanhava diferentes ritmos.

Nas atividades de vida diária, o professor incentivava e ajudava a criança a adquirir independência, autonomia e hábitos socioculturais nas rotinas de alimentação, vestuário, higiene, cuidados com os objetos pessoais e da instituição e organização do ambiente.

Por último, no Laboratório de Aprendizagem, com faixa etária entre 7 a 10 anos, era realizado um trabalho, por meio de situações em que a criança com dificuldades de aprendizagem pudesse vivenciar o mundo das letras e dos números, respeitando a sua individualidade. Além disso, procurava-se desenvolver atividades interdisciplinares diversificadas voltadas para a integração e para a interação dessa criança em todas as áreas de seu desenvolvimento.

Utilizava-se novas propostas educacionais, através de situações lúdicas com a ajuda de um ambiente equipado e de profissionais especializados que desenvolvem atividades nas áreas de Linguagem (baseado numa prática pedagógica voltada para o letramento) e da Matemática (processo de construção do número).

Segundo Augustin Escolano, “a escola não é apenas um ‘continente’, em que se acha a educação institucional, isto é, um cenário planejado a partir de pressupostos exclusivamente formais nos quais os atores que intervêm no processo ensino-aprendizagem”.<sup>49</sup> Na Escola Infantil Canguru, os espaços foram adaptados, utilizando o pátio, a sala de artes, sala de oficinas. Havia também um sistema de horário conhecido por “rotina”, onde o espaço coletivo pudesse ser utilizado por todos os grupos, dessa forma, a escola se organizava.

Outro fator singular no nosso projeto educativo consistiu na utilização da linguagem de sinais, como veículo de comunicação para portadores de necessidades especiais auditivas. A proposta da escola Canguru, portanto, sempre lidou com necessidades educacionais especiais de diversas ordens, inclusive preocupando-se com alunos que estariam saindo rumo à escola regular.

---

<sup>49</sup> ESCOLANO, Augustin. Arquitetura como Programa. Espaço-escola e currículo. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Augustin (orgs.). **Currículo, Espaço e Subjetividade**: a arquitetura como programa. Traduzido por Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p. 26.

### 6.1.2 O trabalho de oficinas

[...] as crianças pequenas são encorajadas a explorar seu ambiente e expressar assim mesmas através de todas as suas linguagens “naturais” ou modos de expressão, incluindo palavras, movimento, desenhos, pinturas, montagem, escultura, teatro de sombras, colagens, dramatizações e música, levando-as a níveis surpreendentes de habilidades simbólicas e de criatividade, a abordagem ocorre não em contexto de elite, protegido de educação particular, mas em dois turnos, aberto a todos, incluindo crianças com necessidades especiais.<sup>50</sup>

Nessa reflexão, e buscando encontrar a infância adormecida dentro de mim, busquei compreender novos olhares, movimentos, gestos, sentimentos que pudessem expressar as múltiplas linguagens das crianças, complementando as atividades diárias realizadas pelos professores. Eles, como mediadores, estruturavam as oficinas para que eu pudesse planejar um currículo que visse (e vejo) essa criança como um ser cultural, produtor de cultura. Nesse sentido, também havia propostas relacionadas à leitura. Ou seja, na Oficina de Literatura Infantil as crianças tinham contato com livros de imagem, fábulas, contos, lendas e poesia, proporcionando assim momentos de pura imaginação, fantasia e criação.

Eram estimuladas as brincadeiras com as palavras, o manuseio dos livros infantis, o saber ouvir, buscando formar ouvintes (leitores) ativos, que sabem interagir com diversos tipos de textos. Também a busca pelo desenvolvimento da linguagem oral e da imaginação, e também resgatando brincadeiras tradicionais, enfatizando a função lúdica e criativa da linguagem.

Oficina de Artes: nesta oficina, cada criança cria sua “arte” espontaneamente, expressando-se livremente, desenvolvendo assim a capacidade criadora e aumentando sua sensibilidade. Outros objetivos: Incentivar a criação livre com a utilização de material variado, respeitando e valorizando o trabalho espontâneo. Não avaliar a perfeição, mas valorizar a criatividade de cada um, respeitando as diferenças individuais.

---

<sup>50</sup> EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da 1ª Infância**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 31.



Outra proposta que ocorreu em alguns momentos foi na oficina de Ballet: momento em que as crianças desenvolvem todos os ensinamentos, deixando o seu corpo fluir naturalmente, desenvolvendo a arte do movimento e da expressão, na qual a estética e a musicalidade prevalecem. A prática da dança permite desenvolver o equilíbrio, coordenação motora, flexibilidade, imaginação e expressão corporal, além de ser uma excelente forma de recreação e de socialização.

Oficina de Inglês: A proposta que fundamentou a aula de inglês, está baseada nas aprendizagens significativas, utilizando músicas em inglês como tema gerador para situações de vivências lúdicas e espontâneas. Esta prática sempre desenvolvida através de atividades lúdicas, promovendo a constante participação da criança, que, em contato com os diversos aspectos culturais, desenvolve o exercício constante da oralidade.

As informações trabalhadas através de jogos, cartazes e cartões, que possibilitam a introdução dos novos termos sem que se precise traduzi-los para a língua portuguesa e, também o uso de músicas que tornam mais eficaz o prazeroso exercício da língua.

Oficina de Educação Física: em função da heterogeneidade dos grupos, a individualidade de cada criança, e principalmente a filosofia de “incluir” da Escola Canguru, as atividades sempre planejadas de acordo com a faixa etária de cada turma. Este planejamento etário faz com que a criança seja estimulada de forma mais individual e precoce possível, sem deixar de lado, obviamente, o desenvolvimento do gosto por superar dificuldades e desafios, bem como sua inclusão sócio-escolar.

Oficina de Música: A música está presente em nossas vidas e em nossos corpos. A criança em todas as suas ações, falando e se movimentando, está se expressando musicalmente e exprimindo suas emoções por sons e ritmos. Tal proposta esteve sempre fundamentada na seguinte perspectiva: o som, com sua infinita gama de variações, também é percebido desde o nascimento, e os bebês, pouco a pouco, utilizam sua voz e seu corpo para produzi-lo.

Pesquisando, informalmente, os sons que pode fazer a voz, com o corpo e com os objetos, a criança descobre conceitos relativos à altura, à intensidade e ao ritmo. Em outras palavras a escola ofereceu a possibilidade para a criança, descobrindo seu corpo como elemento criador de música, poder expressar sentimentos e se comunicar de modos variados.

### **6.1.3 Outros projetos desenvolvidos na escola**

O Projeto de Assessoria<sup>51</sup> às Escolas visava despertar nos educadores e profissionais envolvidos no processo inclusivo o desejo de participar de discussões/formações a respeito destas temáticas.

Os objetivos centravam-se em atingir educadores, coordenadores, pais, crianças, auxiliares e todas as pessoas envolvidas no processo de inclusão que atendam da pré-escola até o ensino fundamental (entende-se por pré-escola o atendimento desde o berçário).

Eram utilizadas ações concretas como: suporte técnico interdisciplinar aos professores das classes comuns e às Associações de Pais e Mestres; estimular e envolver professores no desenvolvimento do projeto pedagógico da escola; levar o educador a compreender a variabilidade de processos de aprendizagem tanto dos portadores de necessidades especiais quanto dos não portadores; ampliar o acesso de portadores de necessidades especiais nas classes comuns; integrar e incluir a família na escola na escola e as crianças com necessidades especiais nas classes regulares e na comunidade e promover a integração da escola com a comunidade.

Isso só foi possível através de uma proposta pedagógica que pensava e repensava a criança, que precisa para seu pleno desenvolvimento de uma estrutura aberta e flexível, abrindo mão do silêncio e planejando ações que tenham significado para ela na vida em sociedade.

---

<sup>51</sup> Projeto de Assessoramento, realizado pela Escola Infantil Canguru às escolas (conforme documento anexo).

Efetando o arremate das idéias expostas nesse capítulo, é importante lembrar Mario Quintana que em algum lugar escreveu: “a memória tem uma caixa de lápis de cor”. Ou seja, é possível que, ao relembrar momentos vividos, ou ao descrever as propostas desenvolvidas pela Escola Infantil Canguru, possam ficar em maior destaque os aspectos positivos.

Ou seja, como se tudo tivesse acontecido de forma harmoniosa, sem os problemas comuns ao cotidiano de toda instituição escolar. De fato, não é essa a intenção desta pesquisa, embora seja necessário admitir que tal perspectiva involuntariamente possa permanecer.

## 7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para buscar responder a questão norteadora que deu origem a esse projeto, desenvolvi um percurso investigativo de natureza qualitativa. Para tal, analisei entrevistas a partir de depoimentos colhidos junto a sujeitos (mães, professoras, funcionárias) que, em algum momento, fizeram parte da história da instituição Escola Infantil Canguru. Também identifiquei alguns documentos preservados em meu acervo pessoal a fim de retomar algumas informações sobre a escola em tempos idos.<sup>52</sup>

Buscando compreender, entre outras coisas, a importância da gestão como mediadora nas relações humanas e questionando se realmente a escola ofereceu condições para um trabalho pedagógico satisfatório, dei andamento ao estudo. Para tal, além das questões norteadoras, acrescentei: Na memória dos depoentes são lembradas iniciativas e inovações pedagógicas do passado? Segundo as depoentes professoras, estas receberam a formação desejada para exercer suas atividades profissionais com competência? A escola, na perspectiva hoje lembrada, contribuiu de alguma forma para a formação continuada de seus professores?

Ainda com relação aos procedimentos metodológicos, é preciso lembrar que, em projetos que envolvem o pesquisador como sujeito da própria história a ser investigada, aumenta o desafio em relação ao rigor e à seriedade no processo a ser efetivado. Por isso, para a escolha das pessoas a serem entrevistadas, foi preciso estabelecer critérios, já que, como diretora da escola, todos estão inseridos em cenários muito próximos de minha trajetória profissional. Para tal, busquei sujeitos de períodos diferentes, e que tivessem motivos diversificados ao escolher a escola.

Maria Cecília de Souza Manayo torna-se que uma espécie de âncora para minhas reflexões, quando aborda as relações observador/objeto: “Numa ciência onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador é ele mesmo,

---

<sup>52</sup> Atas, ofícios, fotografias, recortes de jornal, entre outros.

uma parte de sua observação”. Tal afirmação aumentou a responsabilidade de meu papel enquanto pesquisadora.<sup>53</sup>

Entre os entrevistados, por exemplo, selecionei inicialmente uma mãe, que num primeiro momento chegou para a matrícula de sua filha de 3 meses de idade, e que, devido a sua profissão, necessitaria deixá-la em turno integral. Outros sujeitos foram sendo contatados, diversificando a amostra entre mães, professoras e funcionárias que atuaram ao longo do período investigado.

Segundo orientação de leituras sobre o procedimento de entrevistas, cada encontro foi combinado e marcado, de preferência em local conhecido para ambos, tanto da entrevistadora quanto da entrevistada. A entrevista seguiu características de abordagem “semi-estruturada”, isto é, seguiu roteiro de caráter não rígido, deixando o entrevistador mais flexível, proporcionando ao entrevistado mais liberdade para apontar aspectos relevantes em se tratando da temática prevista.

Outra recomendação importante foi quanto ao ambiente em que esta deveria se desenvolver: no momento de realizá-la, garantir um local tranquilo, sem demais interferências, inclusive sonoras, evitando assim até mesmo problemas de gravação.

Como pesquisadora iniciante, encarei a entrevista como uma proposta para o diálogo, buscando uma situação de horizontalidade ou igualdade de poder na relação entrevistadora-entrevistado. Há que ter muito cuidado na abordagens referentes aos acontecimentos que já ocorreram no passado, pois envolvem pessoas. Portanto, a dimensão ética precisou estar presente ao longo de cada entrevista, bem como no tratamento de seu conteúdo quando do momento de análise. Igualmente foi indispensável solicitar permissão para gravar a entrevista, assegurando o anonimato e acesso às gravações, caso o entrevistado assim desejasse.

---

<sup>53</sup> MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento** – Pesquisa qualitativa em saúde. 4.ed. São Paulo: Hucitec, Abrasco, 1996. p. 54.

Foi importante sempre fazer as devidas apresentações e esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa, favorecendo um diálogo para perguntas e dúvidas estabelecendo-se assim uma relação cordial. Tentei sempre que possível fazer perguntas objetivas, claras, possíveis de serem apresentadas ao entrevistado para a compreensão do tema da pesquisa.

Para a realização destas entrevistas, percebi que as perguntas abertas me possibilitaram obter informações mais adequadas aos objetivos, sem haver constrangimentos com os entrevistados que já há algum tempo não tinha contato. Busquei criar uma atmosfera agradável, favorecendo a confiabilidade das informações. Outro procedimento utilizado na pesquisa foi a busca de documentos, tendo em vista a importância dos mesmos para analisar registros que ajudam a contar a trajetória da instituição.

De acordo com Phillips (1974, p.187) são considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano. Estes incluem normas, atas, segmentos, jornais, revistas, cartas [...]”. No caso desta pesquisa, na medida do possível, tentei verificar se os documentos evidenciavam a proposta no que diz respeito à necessidade de uma educação continuada com professores e funcionários desde a fundação do Berçário e Creche Mamãe Canguru, o que de certo modo pude comprovar através de atas de reuniões, *clip* de reunião, regimento da APM.

Inicialmente realizei um estudo exploratório, na busca de indicadores da história da escola através de documentos. Para tal, levei um tempo selecionando o que parecia mais relevante para a pesquisa. A escolha dos documentos não é feita aleatoriamente, mas com o objetivo de tentar coletar dados nos quais seja mais provável encontrar informações que auxiliem nos objetivos da investigação.

Cabe destacar que, como havia um trabalho inovador efetivado na escola - a “inclusão” de aluno com necessidades especiais (proposta inédita na época) – fui convidada, como diretora da Escola Canguru, a prestar assessoria ao Colégio Sevigné, que, na época, passaria a introduzir propostas de inclusão em seu projeto

pedagógico. Esta e outras participações da escola em eventos que discutiam “propostas de inclusão” foram identificadas em documentos como:

- Jornal Caderno Vida, Zero Hora, em fevereiro de 1999.
- Trabalho inclusivo e com o atendimento do Canguru à criança com Síndrome de Down no livro do “Encontro Catarinense sobre Síndrome de Down”, ocorrido em Santa Catarina, em setembro de 2001.
- Responsável pelo evento “I Seminário de Inclusão”, ocorrido em junho de 2002, na Assembléia Legislativa de Porto Alegre.
- Reportagem realizada no Jornal “O Sul”, em junho de 2002.
- “Saber Mais”, Jornal O Sul sobre o Ensino Inclusivo no Canguru, em junho de 2002.
- Publicação no Jornal “O Sul” sobre o pioneiro ingresso de uma criança com Síndrome de Down numa escola regular, em junho de 2002.
- Publicação no Caderno Zero Hora numa reportagem a respeito do questionamento de uma mãe sobre a Adaptação Escolar, em dezembro de 2002.
- Publicação no Caderno ZH Comunidade, do Jornal Zero Hora, em novembro de 2002.
- Publicação no Caderno ZH Escola, do Jornal Zero Hora, sobre o a Inclusão no Ensino Regular, em dezembro de 2002.
- Publicação do Jornal de circulação interna, “O Pulo do Canguru”, que era distribuído trimestralmente junto à comunidade.

Também foram localizados documentos comprovando diversos cursos propostos pela escola, conforme listagem a seguir:

- Estimulando a criança para um novo milênio.
- O Bebê e o seu Mundo.
- Escuta à Família.
- Grupos de Estudos sobre Síndrome de Down.
- Curso para Gestantes.

A escola, também através da diretora, era convidada a proferir palestras atingindo diferentes público. Neste sentido, nos documentos analisados forma encontrados as seguintes indicações:

- 2º Colóquio de Invenção e Devires da Inclusão (Plenarinho da Câmara Municipal de Porto Alegre, agosto de 2001).
- Curso do Novo Horizonte (abordando questões a respeito da Inclusão e Laboratório de Aprendizagem).



## 8 ANÁLISE

Tendo desenvolvido o processo investigativo a partir de documentos escritos e principalmente entrevistas, passo agora a discorrer acerca das informações coletadas. Antes, porém, cabe informar que fizeram parte desta investigação sete colaboradoras, cujos nomes são aqui identificados com a respectiva autorização de cada uma. São elas: Luciana (mãe), Angela (mãe), Maria Helena (atendente de berçário e estimuladora), Luciana (psicopedagoga), Tatiana (fonoaudióloga), Graziela (ex-aluna), Paula (estimuladora). Todos os depoimentos foram gravados e transcritos. A partir de então, foi realizada uma releitura a fim de verificar até que ponto os dados colhidos ajudavam a responder as questões que se colocavam no início da pesquisa.<sup>54</sup>

Considerando que as narrativas tinham que apelar para a memória dos depoentes, há que se considerar aqui, que se trata sempre de um “olhar” para o passado a partir do momento presente. Ou seja, aqui se abandona a ideia de que estaria sendo resgatada toda a história da instituição como de fato ocorreu, em seus mínimos detalhes. Nessas narrativas os depoimentos significam nuances dos acontecimentos. O que se pretendeu foi verificar quais os aspectos significativos que hoje, ao retomar momentos vividos, os depoentes ressaltam como se fossem marcas que ficaram na memória.

Interessante destacar inicialmente que, de um modo geral, os depoimentos dos entrevistados convergem entre si, como também, de certo modo, confirmam o que se encontra em alguns dos registros escritos preservados. Nesse sentido, cabe destacar a recorrente referência que os depoentes fazem a respeito de determinadas dimensões. Ou seja, mesmo com palavras diferentes, acabam relembando aspectos comuns, mesmo sem terem conversado entre si.

Nesta perspectiva, do conjunto de dados destacam-se: o caráter afetivo presente tanto no convívio diário como nas práticas pedagógicas cotidianas; a preocupação constante com a formação continuada dos profissionais que atuaram

---

<sup>54</sup> Em apêndice constam quadros analíticos, recurso precioso para analisar os dados coletados.

na instituição; o acolhimento e o atendimento à criança com algum tipo de necessidade especial, isto é, a inclusão como característica da proposta pedagógica da Canguru.

Ainda que no início da história da escola a legislação em vigor não fizesse referência a este tipo de atendimento, houve por parte da mesma acolhida e encaminhamento pedagógico adequado para estas crianças. Os depoimentos também permitiram lembrar o trabalho com pais, professores e profissionais, a formação da Associação de Pais e Mestre (APM) e a importância da família em parceria com a Escola.

De um modo geral, as lembranças mais marcantes que os entrevistados guardam do Berçário e Creche Mamã Canguru parecem impregnadas de sentimentos bons, marcados por emoções, e que confirmam as características da proposta que a escola sempre procurou manter, como é o caso desta mãe, Luciana:

(Guardo) sentimentos fortes (parou e pensou), via a Maria Fernanda (filha) devido a sua síndrome “fazendo ou não fazendo” (ela me olhou e disse: - Vera, a Maria Fernanda parou de falar aos 2 anos) e a Escola permitia ver a minha filha, mesmo realizando poucas coisas, a Escola aparava a minha queda, favorecendo uma adaptação entre mãe e filha. Na época, existia uma troca muito grande com a Escola. O olho dela (da criança) falava.

Também Maria Helena, que foi atendente de Berçário entre 1984 e 1966, diz:

(As lembranças) são tantas... Comecei com bebês de três meses que hoje tenho contato ainda, eles estão trabalhando e são profissionais ou estão em formação universitária (ela pára, se emociona...), foi uma época muito boa, tanto pessoal quanto profissional, afinal foram doze anos de trabalho [...]

Nesta mesma direção é o depoimento de L, psicopedagoga:

As crianças que eram da escola e que ainda mantenho contato até hoje, e que as mães destas sempre depositaram muita confiança no meu trabalho. E o que ainda me emociona muito é que ainda

encontro essas crianças e eles transmitem aquele afeto, aquele carinho, e eu acho que essas são as lembranças boas que EME marcaram bastante e que eu guardo até hoje.

A entrevista da Tatiana, que exerceu a função de fonoaudióloga entre 2001 e 2004, diz que as suas lembranças são “as melhores lembranças possíveis”. Faz alusão ao processo de formação continuada que sempre esteve presente na instituição: “A equipe era muito bem treinada, com profissionais altamente qualificados. Sempre foi priorizada a organização de materiais e atividades para seus alunos. Além disso, a coordenação da escola era muito eficiente e a educação feita com seriedade e compromisso”. É também quem relembra um momento marcante, quando “a escola promoveu um evento, onde houve uma apresentação de crianças com síndrome de down, que fiquei muito emocionada, por saber que eu também fazia parte daquela conquista”.

Já no depoimento de Graziela, ela lembra que obteve suas primeiras experiências, como comer sozinha, desenhar, pintar, no Canguru teve as primeiras amizades, depois de tanto tempo ainda guardou na memória as festas de aniversários onde comemorou com os colegas; as mães traziam doces [...].

Maria Helena, emocionada, lembra do olhar que no Berçário se tinha com as crianças inclusas, visando sempre na medida do possível a individualidade das mesmas; priorizando o trabalho pedagógico que estimulava seus profissionais para participarem de cursos, seminários, tendo em mente a educação continuada.

A mesma coisa aconteceu na entrevista de Graziela, que recordou vivência e conceitos adquiridos na época em que permaneceu na escola, afirmando que conviveu com uma colega que necessitava de auxílio para subir escadas, dizendo: Percebi que existem pessoas diferentes e como era importante saber lidar e conviver com estas diferenças, até hoje - Graziela (ex-aluna) fala emocionada na entrevista, dizendo saber como os pais chegaram ao Canguru; eram amigos da supervisora e mesmo porque “esta instituição na época era uma das melhores da cidade”.

Dando continuidade à entrevista, Maria Helena (que desempenhava também a função de “estimuladora”) faz referência de quanto foi importante a formação em Música, com a fono e a coordenação pedagógica, quando faziam relações da importância de saber usar a colher, a mamadeira, postura da língua. Ou seja, o profissional sentia a importância de saber como estes detalhes eram importantes para o desenvolvimento da linguagem.

Maria Helena lembra também que, após a sua saída, procurou trabalhar em outras escolas que lidavam com crianças, mas não foi feliz na sua experiência, pois nestes locais as crianças eram “cuidadas” (apenas). Em sua memória vieram nomes de pais que na época trabalhavam junto com a escola, na APM (associação de Pais e Mestre), relembrando a confiança que tinham nos profissionais.

Tanto Luciana (psicopedagoga), como Paula (estimuladora) relatam que os momentos mais especiais aconteceram no trabalho com crianças especiais; as apresentações, as atividades com crianças com síndrome de Down e o apoio recebido pela escola em relação à filha autista de L. Vera, a supervisora, atendeu a toda família, pois, segundo a mãe, não acreditavam em nada, visto a criança ser especial; Luciana fez menção ao trabalho conjunto, família e escola, destacando a importância do diálogo e transparência. Também significativo é o depoimento de Graziela:

Faço questão de atender em meu consultório [dentário] pessoas com necessidades especiais, pois mesmo diferentes temos muito que aprender com eles.

No desenvolvimento da entrevista, também houve um questionamento acerca de quem teria indicado a escola. No conjunto de respostas, constata-se que houve várias formas de ter este acesso, como é o caso da Tatiana: “na época acabei sabendo do trabalho da Escola Canguru por meio do anúncio na ZH para sublocar um espaço no Centro Clínico, como fono”.

Já no depoimento de Luciana, verifica-se que, como mãe, procurou a Canguru “por ser uma Escola que trabalhava com a inclusão e tinha assessoramento de profissionais e uma equipe. Visitei muitas perto da minha casa, mas não recebi o apoio que recebi na Escola Canguru”.

Angela, por sua vez, afirma que estava passando em frente à Canguru, que estava dando os últimos retoques para a sua inauguração, e lembrou que tinha uma faixa: “Matrículas Abertas”. Já no relato da Maria Helena, ela afirma que a indicação veio de sua mana que era conhecida da supervisão. Já Paula afirma que foi indicada por uma mãe que na época tinha filhos na Escola Canguru. Esta mãe teria dito: “Tu és a pessoa indicada para trabalhar com as crianças”.

A depoente Paula (estimuladora) afirma que o desenvolvimento da escola como instituição foi o que mais marcou ao longo destes anos. Falou das colegas, dos cursos, das atividades e oficinas que a supervisão proporcionava na própria instituição.

Graziela, agora já adulta, afirma que enquanto estava sendo entrevistada, um filme passava pela sua cabeça, lembrando brincadeiras, festas, mesa com tintas, lembrava da escada que separava o andar onde havia as salas e o andar debaixo sala de artes. Lembrou, no decorrer das entrevistas, da sala, da camiseta que usava do pai para não sujar o uniforme, lembrando também um momento que marcou e a deixava chateada: ter que dormir na hora do meio-dia. Recorda que não gostava, por isso demorava bastante no almoço.

A depoente Angela (primeira mãe a matricular sua filha) lembrou a preocupação que a coordenadora tinha de informar os pais quanto ao estudo da faixa etária, convidando especialistas da área da Saúde e da Educação, inclusive convidando o Dr. Humberto da Rosa (pediatra), colega desta mãe no Hospital de Clínicas, para ministrar uma palestra para as famílias sobre vacinação e primeiros socorros. Lembrou que a instituição tinha um “olhar” para com seu profissional, através de cursos, palestras, etc.

Com relação aos aspectos menos marcantes ou inadequados na época, poucos depoentes conseguiram enumerar seus aspectos não perguntados, ou aqueles esquecidos pela entrevistadora como ocorreu na entrevista da Luciana (psicopedagoga e mãe de uma criança autista).

Ela constatou a necessidade de repensar o currículo em Educação Especial, visto que as crianças durante todos estes anos não conseguiram frequentar escolas de ensino fundamental normal devido as suas necessidades especiais, questionando os profissionais com os quais teve contato durante este período. Como mãe, acredita que os especialistas sabem muito pouco de como tratar uma criança autista.

Novamente constata-se que, em geral, os depoimentos dos entrevistados convergem entre si. A mãe Angela (médica), Maria Helena (estimuladora), Tatiana (fono), Luciana (psicopedagoga) no final de suas entrevistas, ressaltam a necessidade de uma educação continuada, formação dos profissionais, pois lidar com crianças é muito importante, é dedicação, cuidar e educar – o que relembram como preocupação constante na Escola Canguru.

Maria Helena chamou atenção para um aspecto importante das famílias, pois na época nem todas colaboravam com a educação dos filhos, não respeitando os profissionais que trabalhavam com seus filhos, por isso afirmou ela: “a necessidade da formação do profissional para encarar estas situações de relacionamento é importante”.

A entrevistada destacou a constante troca de opiniões com outros profissionais de outras escolas, creches. Segundo a fonoaudióloga Tatiana, também aconteciam possibilidades de trocas de experiências entre as supervisoras e diretoras de escolas, berçários, etc. Afirmou que o ser humano, quando para de estudar, seu conceito cai em desuso. A depoente Paula (estimuladora) disse que gosta até hoje do que faz (trabalha com bebês na faixa etária de 03 meses a 1 ano) e que aprende a cada dia com eles.

Com relação a algum detalhe importante que não foi perguntado pela entrevistadora, a depoente Angela afirmou que desde a época da abertura do Berçário e Creche Mamãe Canguru o trabalho e a parceria com as famílias no sentido de trilhar junto com as críticas, reflexões, muito estudo, foi um marco, afirmando a necessidade da continuidade deste árduo trabalho.

Já Graziela, por sua vez (aluna, hoje dentista), recorda os momentos inesquecíveis e maravilhosos de sua infância passados nesta Instituição, onde permaneceu dos 03 meses aos 5 anos. Segundo ela, foi a sua segunda casa.

Conforme é possível constatar, os depoimentos, de modo geral, parecem convergir ao destacar boas lembranças ao longo dos tempos que tais sujeitos, de algum modo, estiveram vinculados à escola. Também ajudam a referendar que determinadas metas em relação à proposta pedagógica sempre estiveram presentes, embora não necessariamente com denominações técnicas e/ou conceituais hoje vigentes.

Fica demonstrado que a história da Escola Canguru esteve sempre dedicada a considerar a criança sob a perspectiva da educação integral, dando especial atenção a crianças com dificuldades especiais, sem ser uma escola especial. Outro aspecto que também ficou evidenciado pelos depoimentos foi a preocupação constante com a formação de seus profissionais, bem como o afeto que era preservado entre docentes, discentes e pais.

No que diz respeito aos documentos (fotografias, atas, ofícios, recortes de jornais), estes serviram como materialização de indicadores, referindo aspectos a que alguns depoimentos fizeram menção e, principalmente, do que minha memória evocava.<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> Em apêndice, alguns comprovantes da análise dos documentos.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez aqui eu esteja me deparando com uma das mais difíceis tarefas, retornar a tudo aquilo que vivenciei, investiguei, aprendi e realizei, ao longo dessa pesquisa.

Sinto que é impossível terminar um estudo que não se esgota aqui, assim como não se esgota o tema, pois se trata de algo realizado e que cada vez mais é necessário, pois a história que nele foi contada não acaba nesse momento, muito pelo contrário, como toda a história, ela permanece circulando, com novos modos de ver, uma nova reflexão, novos contextos. Espero ter contribuído inclusive para que jovens profissionais do campo da educação infantil reflitam acerca desta história, quem sabe oportunizando a crianças de berçário e creches viverem a infância nas suas múltiplas possibilidades.

Volto à minha memória e tento descrever, em parte, o que percebi ao longo da caminhada do curso de mestrado. Quando escrevo a respeito da Escola Infantil Canguru, na verdade, relato a história da minha trajetória ao longo dos anos, de 1977 a 2005. Ressalto ainda que a maior importância deste estudo está justamente na oportunidade que tive de, ao teorizar um assunto e desenvolver uma pesquisa, fazer profundas reflexões. A busca desse saber partiu da minha prática quando almejava trabalhar com crianças pequenas e com profissionais capazes de “cuidar e educar”, permitindo que as crianças pudessem viver suas fantasias, seus sonhos, seu “faz de conta”, enfim, desenvolvendo a sua criatividade.

Através desse trabalho, foi possível analisar que a formação histórica de uma instituição, se torna possível, através da observação e do relato sobre a cultura escolar, por meio de documentos e fotos. Através disso, levou-me a confirmar que a escola é um lugar de formação, não apenas de crianças, como também de professores, pais e comunidade.



O perfil que aqui se viu configurado tornou a escola referência no campo da formação continuada, visto a tendência ao trabalho que priorizasse as individualidades e as necessidades especiais. O trabalho incorporava o corpo docente, os professores especializados e os profissionais especialistas, vinculados à escola. A documentação pedagógica, nesta perspectiva, pode ser analisada como fonte de memória e pesquisa. Cada ata analisada, cada depoimento gravado e transcrito, cada fotografia observada, cada momento registrado, evidencia grande parte do comprometimento com os propósitos assumidos.

Como gestora da instituição, sempre que possível priorizei compreender o professor de um modo global, no que se diz respeito à área profissional, propriamente dita, com suas habilidades e competências, e, também, questões referentes à área pessoal, com seus sentimentos, suas fragilidades, emoções, fracassos e alegrias, enfim, lidando com as relações interpessoais, que circulam e se transformam constantemente.

As leituras feitas, as discussões e a busca intensa durante o período do curso de mestrado, me ajudaram a desvendar através da memória, o quanto foi importante a valorização e a necessidade da formação dos professores, da educação continuada, dos constantes assessoramentos, visto a necessidade de uma gestão esclarecida que pudesse, na medida do possível, perceber a escola, como algo integrado, sendo um local para pensar, criar e executar cooperativamente. Outro fator importante foi o trabalho realizado com as famílias, oportunizando a elas um espaço de convivência, um local de encontro para debates e discussões.

Além disso, o trabalho em equipe teve uma influência importante, pois, assim, era possível analisar a individualidade das crianças, cada uma a seu tempo e espaço, por meio de uma gestão assumida, buscando e tentando manter a flexibilidade contínua. A prioridade de não mais se limitar apenas ao cuidar, abrangendo também o educar, foi um aspecto revolucionário na história da educação infantil. Ela passou a fazer parte da educação básica. Com isso, minha visão sobre a criança foi totalmente modificada embora, de modo um tanto intuitivo,

na escola aqui analisada tais características aparecem como marcas significativas desde cedo.

Antes de finalizar, é importante também deixar registrada a importância que teve em minha vida esta experiência em fazer pesquisa: desde os procedimentos iniciais, esboçando idéias, traçando objetivos, construindo questões a serem investigadas, passando depois pelo exercício de busca de dados, vivendo o papel de entrevistadora, evitando na medida do possível envolvimento que poderiam incorrer em sentimentos demasiadamente subjetivos. Também o momento de construção e lida com os quadros analíticos constituiu momento de intensa e desafiadora aprendizagem.

Encerrando, é preciso afirmar que, apesar de toda expectativa em torno desta pesquisa, tive muita satisfação em rever e escrever parte considerável de minha trajetória de vida profissional, deparando-me com a alegria de uma certeza: jamais me afastei dos meus princípios e de minhas crenças pedagógicas. Os tempos mudaram, a educação passou por constantes transformações, tanto de ordem legal quanto teórico-metodológicas e, mesmo assim, continuei a seguir minha caminhada, me adaptando às novas tendências, buscando fazer da escola um momento feliz da infância.

## REFERÊNCIAS

ALMADA, Ana. Lev Vygotsky. **Nota Positiva**. Disponível em: <[http://www.notapositiva.com/trab\\_professores/textos\\_apoio/psicologia/teoriaspiaget\\_vygotsky.htm](http://www.notapositiva.com/trab_professores/textos_apoio/psicologia/teoriaspiaget_vygotsky.htm)> Acesso em: 26 mai. 2010.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. Traduzido por Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978-1981.

BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Constituição Federal**. Brasília, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)>. 26 mai. 2010.

\_\_\_\_\_. **Presidência da República**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso em: 10 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. **PROINFANTIL** - Programa de Formação Inicial para professores em Exercício na Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

DOURADO Ione Collado Pacheco, PRANDINI; Regina Célia Almeida Rego. Henri Wallon: **Psicologia e Educação**. (PUC/SP). Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/24/T2071149960279.doc>>. Acesso em: 26 mai. 2010.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da 1ª Infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; PALHARES, Marina Silveira (org.). **Educação Infantil Pós-LDB**: Rumos e Desafios. 6.ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

FILHO, Altino José Martins (org.). **Criança pede respeito: temas de Educação Infantil.** Porto Alegre: Mediação, 2005.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. Educação Infantil no município berço da imigração alemã no sul do Brasil: histórias e políticas anteriores a 1988. **Actas do VII Congresso LUSOBRASILEIRO de História da Educação**, jun. 2008, Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (Universidade do Porto). 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GARCIA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

HILLIPS, B. S. **Pesquisa Social.** Rio de Janeiro: Agir, 1974.

JOBIM; SOUZA, S. **Infância e linguagem** – Bakhtin, Vygotski e Benjamin. São Paulo. Papyrus, 1995.

KAERCHER, Gládis E.; CRAIDY, Carmem. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

KRAMER, Sonia. **Infância, cultura e educação.** São Paulo: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **Infância, educação, direitos humanos.** São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_; BAZÍLIO, Luiz Cavalieri. **Infância, Educação e Direitos Humanos.** São Paulo: Cortez, 2006.

KUHLMANN JUNIOR; M.. **Infância e Educação Infantil** – Uma abordagem história. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LAPIERRE, André. **O adulto diante da criança** – Uma experiência vivida na creche. São Paulo: Manole, 1987.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1988.

MACHADO, Maria Lúcia (org.). **Encontros e desencontros em Educação Infantil.** São Paulo: Cortez, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento** – Pesquisa qualitativa em saúde. 4.ed. São Paulo: Hucetec, Abrasco, 1996.

NASCIMENTO, A. M. **A Infância na Escola e na Vida: Uma Relação Fundamental.** Disponível em: <<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1062>>. 26 mai. 2010.

NETO, Vicente Molina; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (org.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física.** 2.ed. São Paulo: Vozes, 1999.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares, In: **Projeto História.** São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dez. 1993.

NORMAS REGULAMENTADORAS. Segurança e Saúde no Trabalho. Disponível em: <<http://www.normasregulamentadoras.wordpress.com>>. Acesso em: 18 abr. 2010.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2002.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação.** Lisboa: Pub. Dom Quixote, 1993.

PLACCO, Vera M. Nigro de S. **O coordenador pedagógico e a formação docente.** 8.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

POSTMANN, Neil. **O Desaparecimento da Infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRIORE, Mary Del (org.). **História das crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1999.

QUINTANA, Mário. **1 vôos da memória: Outros caminhos para entender o presente.** Disponível em: <[http://www.tede.udesc.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=761](http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=761)>. Acesso em: 28 mai. 2010.

REDIN, Euclides. Políticas de formação de professores para a Educação Básica: reflexão e ação. **Revista Educação,** Santa Cruz do Sul, v.13, n.1, p.21-33, jan./jun. 2005.

REVISTA EDUCAÇÃO E SOCIEDADE. São Paulo, v. 26, mai./ago. 2005.

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SARAT, Magda. **Formação Profissional e Educação Infantil: Uma história de contrastes.** Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/guairaca/17/artigo%208%20forma%E7%E3o%20profissional.pdf>>. Disponível em: 28 mai. 2010.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs). **Histórias e memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

SZYMANSKY, Heloísa (org.). **A entrevista na pesquisa em Educação** – A prática reflexiva. Brasília: Líber Livro, 2004.

TAMBARA, Elomar. A feminilização da feminização do magistério no Brasil. **Actas do VII Congresso LUSOBRASILEIRO de História da Educação**, jun. 2008. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (Universidade do Porto). 2008.

TANURI, L. M. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação/ANPED**, n. 14, mai./ago. 2000.

UNIVERSIDADE do Vale do Rio dos Sinos. **Normas da ABNT 2010**. Disponível em <<http://www.unisinos.br/biblioteca>> Acesso em: 18 mai. 2010.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Augustin (orgs.). **Currículo, Espaço e Subjetividade**: a arquitetura como programa. Traduzido por Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WALLON, H. **Psicologia**. São Paulo: Ática, 1986.

WIKIPEDIA. A Enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 26 mai. 2010.

## APÊNDICES

FICHA DE ANÁLISE DE DOCUMENTO

Analisado por: <i>Sera Regina Costa</i>	Data: <i>31/03</i>
---	--------------------

1. Tipo de documento

Data do documento:

ATA ( )

OFÍCIO ( )

ANOTAÇÕES ( )

DOCUMENTO OFICIAL ( )

REGIMENTO ( )

ESTATUTO ( )

LEGISLAÇÃO ( )

CARTA ( )

BILHETE ( )

INFORMATIVO AOS PAIS ( )

DIVULGAÇÃO P/ COMUNIDADE ( )

OUTRO ( ) QUAL? .....

2. Autoria (quem elaborou o documento):

*Este documento foi elaborado pelo Juizado de Velórios, que na época eram os responsáveis pelo funcionamento das Cucas.*

3. A quem o documento se dirige (finalidade do documento):

*Este documento dirige a Dúcas da Berçário e Cuche H. Cangum e recomendações do relatório de finalização efetuado por técnicos da Equipe de Estudos Educacionais deste Juízo.*

4. Principais idéias contidas no documento (resumo):

*Conclusão e Recomendações  
O Z. e C. H. Cangum presta bom serviço e atende bem as crianças, mas é importante a presença de uma nutricionista.  
Recomendações: re-elaborar Regulamento Interno*

5. Frases retiradas (literalmente) do documento que interessam à pesquisa (usar outras folhas se necessário e grampear com esta):

*O Berçário e Cuche H. Cangum continua prestando um bom atendimento às crianças, procurando-se em atender suas necessidades e interesses.*





Estado do Rio Grande do Sul  
PODER JUDICIÁRIO

## CARTÓRIO DO REGISTRO ESPECIAL

(Títulos e Documentos e Pessoas Jurídicas)

Rua Andrade Neves, 90 — Conj. 15 — 1.º Andar  
Fone: 21-2299 — Porto Alegre — RS

BEL. JOSÉ AUGUSTO MEDEIROS PEREIRA  
OFICIAL

BEL. PÉRSIO BRINCKMANN FILHO  
SUBOFICIAL

RENATO CULAU CHAVES  
MARIA MÖLLER DE FREITAS  
OFICIAIS AJUDANTES

### INSCRIÇÃO DE:

SOCIEDADES CIVIS  
MATRÍCULAS DE JORNAIS

### REGISTRO DE:

RECIBOS  
FIANÇAS  
LOCAÇÕES  
COMODATOS  
PENHOR MERCANTIL  
RESERVA DE DOMÍNIO  
CESSÕES DE CRÉDITO  
ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA  
DOCUMENTOS PARTICULARES DE  
OBRIGAÇÕES

Art.18º - Da eleição da Diretoria:

- a) o Presidente, em consenso com o Conselho e Diretoria, indicará e posteriormente nomeará os cargos de presidente, Secretário, Tesoureiro e Sup. primeira assembléia do ano;
- b) a Diretoria da A.P.M. permanecerá por um ano.



#### CAPÍTULO V

##### Das Assembléias

Art.19º - A primeira assembléia será realizada no mês de abril de cada ano.

Art.20º - A assembléia reunirá, mensalmente, a Diretoria da Escola, o Conselho e a Diretoria da A.P.M.

Art.21º - Da assembléia geral, participarão todos os associados da A.P.M.m sua Diretoria, Conselho e Diretoria da Escola, havendo convocação para a mesma, sempre que surgir um motivo julgado relevante para a Escola ou pelos associados junto à Diretoria da A.P.M.

#### CAPÍTULO VI

##### Do Patrimônio

Art.22º - O Patrimônio da A.P.M., é constituído das mensalidades dos sócios, de contribuições, de verbas cedidas e dos bens adquiridos pela A.P.M.

#### CAPÍTULO VII

##### Das disposições finais

Art.23º - A A.P.M. só poderá ser dissolvida quando deixar de preencher suas finalidades.

Art.24º - No caso de dissolução da A.P.M., o patrimônio converterá em nome da Creche e Berçário Mamãe Canguru.

588424

A handwritten signature in black ink, appearing to be "SA" followed by a stylized name.

## Ata nº 48

Nos de dias e oxydias do mes de maio de 1988 realizamos um Encontro de Pais Comu-  
 dade, Bercary e Cedes do Mês em comemoraçao  
 aos dez anos do Yama Camp. O grupo do  
 Conselho Aludado por sua Regiao Exter e a Ca-  
 pagilacao do Profissional que atua na fauna  
 estava de fora a das aux. No dia foi realizado  
 um Panel com o tema "A vida da agua: Sample  
 Clause Gallus" - Tema: Publico Bruneu. Prologa  
 do Paulo Sany e Prologa: Helene Miller. A partir  
 destes grupos foram abertos grupos de estudos para a  
 Habitat desta area de habilitacao com o objetivo  
 posteriormente. Na oportunidade foi apresentada  
 pelo grupo de estudo do Camp um exemplo de  
 "Burelha" que e oferecido de informacao desta  
 area e do Mês 1988 de maio de 1988  
 Carta Local: Clube Israelita - Fax Jellb 508

Favor escrever a letra legivel - gata

Dia 10/5/88 - 3ª feira

Nome do Participante	Endereço Particular ou datado
1. Imione Chacodia	Rua Fernandes Vico, nº 508 ✓
2. Maria Cecília Plente dos Sales	" " " " ✓
3. Heloisa Rech	" " " " ✓
4. Soramun Sara P. D. Diener	Av. Gaclos Gomes, 565/208 ✓
5. Vera Lucia Cavichio	São Manoel - 808/406 ✓
6. Marilys de Agostini	Fern. Machado, 777/401 - cor. 8010 ✓
7. Elisabete Dias Aguiar	Nº Berto Gonçalves Nº 377/305 ✓
8. Graça Vitoria de Sá	Fernandes Vico Ipe II ✓
9. Guedes Maria Soares	Fernandes Vico, 508 ✓



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA  
Departamento de Relações Institucionais

Of. nº 024/02-DRI/ALRS

Porto Alegre, 20 de Fevereiro de 2002.

Senhora Diretora,

Em atenção à solicitação de Vossa Senhoria, comunicamos que o Auditório Dante Barone e o Espaço Oswaldo Aranha estarão a sua disposição no dia 01 de junho do ano em curso, para a realização do "Seminário de Inclusão".


Na divulgação do evento deverá constar, em qualquer material gráfico e/ou de divulgação da programação, inclusive nos meios de comunicação, o seguinte crédito: "APOIO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL".

**ESCLARECEMOS QUE O EVENTO DEVERÁ SER ABERTO AO PÚBLICO, GRATUITAMENTE.**

Outrossim, salientamos a Vossa Senhoria, que conforme regulamento do Auditório Dante Barone, eventuais danos causados nas dependências e/ou equipamentos do Auditório, são de responsabilidade do requerente.

Colocamo-nos a sua inteira disposição, na Divisão de Eventos, para qualquer esclarecimento que se fizer necessário, através dos fones (51) 3210.2037 e (51) 3210.2048.

Atenciosamente,

  
Décio Magalhães Duarte  
Diretor do Departamento  
de Relações Institucionais

Ilustríssima Senhora  
MD. Vera Regina Bolsson Escobar  
Diretora da Escola Mamã Canguru  
Nesta Capital

07/03/02  
m

FICHA DE ANÁLISE DE DOCUMENTO

Analisado por: ( )	Data:
--------------------	-------

1. Tipo de documento

Data do documento: 20/02/2002

ATA ( )

OFÍCIO

ANOTAÇÕES ( )

DOCUMENTO OFICIAL ( )

REGIMENTO ( )

ESTATUTO ( )

LEGISLAÇÃO ( )

CARTA ( )

BILHETE ( )

INFORMATIVO AOS PAIS ( )

DIVULGAÇÃO P/ COMUNIDADE ( )

OUTRO ( ) QUAL

Correspondência enviada Confr  
mandos O local solicitados

Departamento de Relações  
Legislativa - Ofício nº 024/02 - DRI / ALRS  
Instituição da Assembleia

3. A quem o documento se dirige (finalidade do documento):

Letra da Orta Namas Langum - Seraqueua  
comunicando que o Auditor Paulo Basso  
do Espaço Oswaldo Aranha está a disposi-  
ção para a realização do "Seminário de Inclusão"

4. Principais idéias contidas no documento (resumo):

- Dia 01 de junho de 2002 estará a disposição  
para realização do Seminário de Inclusão.  
- O evento estará aberto ao Público, gratuita-  
mente.  
- Em todos os materiais emitidos e divulgados  
na programação, utilizar os meios de comuni-  
cação da seguinte forma: "Ofício da Assembleia do  
ERES."

5. Frases retiradas (literalmente) do documento que interessam à pesquisa  
(usar outras folhas se necessário e grampear com esta):

- Seminário de Inclusão

**Quadro analítico adaptado de SZYMANSKI (2004)**

Nome Completo: **T.L.S.C.**

Fone: 51 91215121

Data de Nascimento: 04/02/1978

Profissão: Fonoaudióloga

Nº de filhos: 02

Época (ano) em que manteve relação com a Escola (início e término): OUT. 2001 até DEZ. 2004 (POA)

DEPOIMENTO	UNIDADE DE SIGNIFICADOS	DIMENSÕES
<p><b><i>V – Quais as atividades realizadas por ti na Escola e no Centro Clínicos?</i></b>                      T. – As minhas atividades eram de: atendimento clínicos, fonoaudiológico, <u>orientação aos pais e aos professores, treinamento técnico especializado aos professores e triagem escolar nos alunos.</u></p> <p><b><i>V – Quem te indicou a Escola?</i></b>                      T – Foi à neurologista que te conhecia e conhecia também o Centro Clínic, como fono.</p> <p><b><i>V- Que lembranças guardas da Escola Canguru?</i></b>                      T – As melhores lembranças possíveis. <u>A equipe era muito bem treinada, como profissionais altamente qualificados. Sempre foi priorizada a organização de materiais e atividades para seus alunos. Além disso, a coordenação da escola era muito eficiente e a educação feita com seriedade e compromisso.</u></p> <p><b><i>V – Podes recordar algum momento em especial? Por que ele é considerado “especial”?</i></b>                      T – Todos os momentos foram muito bons dentro da escola, mas lembro de um evento onde a escola promoveu, onde houve uma <u>apresentação de crianças com síndrome de down, que fiquei muito emocionada</u>, por saber que eu também fazia parte daquela conquista.</p> <p><b><i>V – Acreditavas na Equipe Interdisciplinar que foi estruturada também com sua presença? Por quê?</i></b></p>	<p>- Treinamento técnico especializado                      - Triagem</p> <p>- Equipe bem treinada, profissionais qualificados, coordenadores eficientes (seriedade e compromisso).                      - Apresentação com crianças com síndrome Down, afeto e emoção.</p> <p>- Nós – Equipe</p> <p>- Equipe engajada                      - Planejamento</p>	<p>- Proposta aprovada pelos pais</p> <p>- Uma especialista demonstrando</p> <p>- Auto disciplinarietà e afeto na proposta</p> <p>- Momento pedagógico – continuidade</p>

T – Sim, plenamente. Se eu não acreditasse, eu não teria permanecido por tanto tempo. Creio que lá na escola, nós da equipe, pudemos fazer muito pelos alunos e também aprendemos muito com eles.

**V – Estas atividades corresponderam às tuas expectativas? Por quê?**

T – Sim, pois o planejamento foi criado e executado pelas mesmas pessoas. Não houve planejamento onde a equipe não tivesse toda engajada. Isso foi fundamental para o sucesso.

**V – Indique algumas atividades, relacionadas à tua área, que foram “marcantes” na Escola e no Centro Clínico naquela época, principalmente no que diz respeito à inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais:**

T – Uma das atividades marcantes era quando eu acompanhava o almoço das crianças, onde uma delas era síndrome de down. Era muito interessante, pois todas as orientações dadas a esta criança especial, as demais que não possuíam nenhum problema, também realizavam, e acabavam tendo uma maneira de se alimentar mais correta.

**V – Que aspecto tua memória destaca com opositivos? E quais recordam como não tão adequadas?**

T – Não tenho nenhum momento que tenha sido inadequado. Para mim todos eram adequados, e quando não era nossa equipe estava sempre unida para resolver. Vários pontos podem ser destacados, mas principalmente a educação que lá na escola as crianças receberam.

**V – Tatiana gostaria de crescer mais alguma idéia? Alguma passagem importante?**

T – Creio que minha passagem pela escola, foi fundamental para minha formação de hoje. Posso dizer que sou uma profissional completa hoje, pois pude ter na escola todas as experiências

- Aprendizagem. Crianças especiais com as datas normais.

- Afetividade presente nas relações

- Crescimento pessoal e profissional  
- Integração com a equipe

- Formação continuada

- Inclusão, formação continuada

positivas para meu crescimento pessoal e profissional. Conheci grandes profissionais e grande pessoas que contribuíram muita para minha profissão.

*V – Se puderes, coloca alguma coisa sobre o que achas e o que podes observar sobre a Educação Continuada dos professores especializados, na época.*

T – Em relação à formação de professores, creio ser de extrema importância, a formação continuada de professores especialistas. Com as formações, eles podem ter mais recursos no seu trabalho diário, conseguindo criar situações de ensino e aprendizagem, muito mais valiosas e ricas de conhecimento. Se o professor para de estudar, seu conceito cai em desuso. É importante que as coordenações das escolas possam ter essa visão mais ampliada de formação de professores e disponibilizem a eles estas possibilidades.

- Inclusão, formação continuada

- Forma de selecionar o profissional



## Quadro analítico adaptado de SZYMANSKI (2004)

Nome completo: **Angela P.**

Data de Nascimento: 11/1977

Profissão: Médica

Época (ano) em que teve relação com a Escola Canguru: fev. 1978

DEPOIMENTO	UNIDADE DE SIGNIFICADOS	DIMENSÕES
<p><b><i>V – Como mãe, que lembrança tu guardas do Berçário e Creche Mamã Canguru?</i></b></p> <p>A – Emocionada disse ter ótimas lembranças, pois teve a regalia de ser a primeira mãe a matricular a sua filha. Conseguindo acompanhar os primeiros passos de estruturação. <u>Tia Vera sempre me passou muita segurança e experiência com crianças pequenas mesmo sendo médica</u> minha área era patologia não tinha experiência. Meu marido também médico nós trabalhávamos no hospital de Clínicas, mas concordávamos em não deixar nossa filha com uma pessoa em casa. <u>Foi uma parceria nunca esquecida depois de um suspiro. Sabes Vera, pude ver o espelho do berçário do Centro de Estimulação Canguru, onde meu neto Matheus ficou 4 anos, senti muitas saudades, este local depois de anos tinha e apresentava a mesma estrutura, claro que mais professores, auxiliares...</u></p> <p>Após sorrir disse: tive o privilégio de olhar, observar, opinar e poder registrar tudo da minha filha. Tenho até hoje registros quanto à 1ª papinha etc...</p> <p>Tenho até hoje a imagem da sala de aula de higiene e da ficha de observação. <u>Sabes Vera, era tudo feito com muito cuidado e transparência.</u></p> <p>Outra coisa que penso é na <u>tua estrutura já na época, era diferenciada, mantiveste o mesmo olhar. Cuidando e educando, este último mais aprimorado, pude observar com o meu neto, com as professoras, pedagogas e especialistas na área de educação.</u></p> <p><b><i>V – Quem te indicou a Creche?</i></b></p> <p>A – Ninguém indicou, eu estava passando na frente e vocês estavam</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Boas lembranças</li> <li>- Gosto pelo fazer</li>   <li>- Mãe confiava no trabalho realizado</li>   <li>- Afeto nas relações</li> <li>- Cuidar e educar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Afeto na proposta pedagógica</li>   <li>- Proposta legitimada pelos pais</li>   <li>- Necessidade de proposta pedagógica</li> </ul>

pintando o muro com o Canguru (animal) me lembro que era um dia de sol, muito quente, tinha uma lombada até a casa, a pracinha ficava na frente, a cerca pintada de amarelo. Conversei contigo, tive uma ótima acolhida podendo observar a estrutura da casa, da cozinha, do pátio interno. Me lembro da sacada com uma porta grande, onde colocaste um portão de madeira para cuidar da segurança das crianças. Acompanhei desde o início tudo, acredito ser a pessoa mais adequada para responder esta pergunta. Ah! Me lembrei, tinha uma faixa na frente que dizia: Matrículas Abertas.

***V – Porque procurastes esta creche para deixar a tua filha?***

A – Não acredito em criança sozinha em casa e como já te falei, trabalhava 8h por dia. Vinha amamentar minha filha de 4 em 4 horas, nunca cheguei desconfiada, pois sempre tive abertura para criticar, entrar e receber ajuda. Foi o 1º lugar onde coloquei minha filha, pois passava pela creche para ir ao meu trabalho. Recebi muito apoio do meu marido.

***V – Que memórias possui do Berçário e Creche Mamãe Canguru?***

A – Eu amamentando a minha filha, chegava cansada, correndo, vocês me acalmavam me lembro de tudo, pegou um lenço de papel e passou no rosto. Vera passa um filme na minha cabeça. Tu que há muito tempo eu não via, tua voz, tua maneira de ser, nosso encontro incrível, muito parecido como te conheci, me lembro dos conhecimentos adquiridos a respeito da faixa etária, a tua preocupação em informar as famílias através de encontros a realizar cursos com os teus profissionais, inclusive convidei a teu pedido para que o Humberto da Rosa fizesse uma palestra para todos os pais e profissionais, ele era o pediatra famoso da época e muito meu amigo e minha família era cliente dele.

Todas estas atividades realizadas só faziam os pais sentirem-se mais seguras e poderem trocar idéias e saber que a educação dada a minha filha deu continuidade para meu neto no sentido de maior autonomia e independência. Precisava de um lugar por não acreditar em babá onde eu pudesse amamentar a minha filha, isto ocorreu até os 6 meses. Eu aprendi muito, com vocês, a coordenação tinha um olhar para com o seu profissional os mesmos eram trabalhados com certeza.

***V – Tens na tua memória alguma prática não tão adequada da Creche na época?***

A – Vera, me recordo uma vez que quando fui amamentar a D. estava muito quente e a mesma me foi entregue com talco toda perfumada. Conversamos e senti que você não tinha se dado conta que o uso do talco em bebês era inadequado para a faixa etária. Me lembro que reuniste a profissional da sala de higiene comigo e contigo e conversamos a respeito. Não me recordo de mais nada de errado, apenas para elogiar e para atirar confetes mas tenho saudades daquela época, pois tinha muito orgulho de dizer onde minha filha ficava, pois na época era muito raro, as mães deixavam os filhos com pessoas sem muita educação no que diz respeito a higiene, hábitos alimentares...

Minhas filhas nunca foram um peso este sentimento de maternidade só acrescentou e com muita tristeza te digo, não consegui colocar as minhas outras 2 filhas, pois com a separação necessitei fazer algumas opções. Vera, para finalizar, continua com este trabalho, pois o marco de anos atrás foi o “trabalho e parceria” com as famílias no sentido de trilhar juntos com críticas, com reflexões, com muito estudo, pensou e disse acho que Educação Continuada.

- Afetividade nas relações

- Formação continuada

Quadro analítico adaptado de SZYMANSKI (2004)

Nome Completo: **Luciana Nascimento de Queiroz**

Data de Nascimento: 12/05/1971

Profissão: Psicopedagoga

Época (ano) em que teve com a Escola Canguru: todo o ano de 2004, neste ano participou como mãe da APM.

DEPOIMENTO	UNIDADE DE SIGNIFICADOS	DIMENSÕES
<p><b><i>V – Luciana, como mãe, que lembranças tu guardas da Escola Canguru?</i></b>                      L – <u>Sentimentos fortes</u> (parou e pensou), via a Maria Fernanda devido a sua síndrome “fazendo ou não fazendo” (ela me olhou disse: Vera, a Maria Fernanda parou de falar aos 2 anos) e a Escola me permitia ver a minha filha, mesmo realizando poucas coisas, a Escola aparava a minha queda, <u>favorecendo uma adaptação entre mãe e filha.</u>                      Na época, afirma Luciana, existia <u>uma troca muito grande com a Escola. O olho dele falava.</u></p> <p><b><i>V – Quem te indicou a Escola?</i></b>                      L – Foi a neurologista que te conhecia e conhecia também o Centro Clínico, onde a Maria Fernanda poderia ser assessorada por uma fonoaudióloga.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Afetividade</li> <li>- O olhar diferente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Momento pedagógico</li> <li>- Mediadores comunicações: O olhar - toque... com inclusão.</li> </ul>
<p><b><i>V – Porque procuraste esta Escola para deixar sua filha?</i></b>                      L - Por ser uma Escola que trabalhava <u>com a Inclusão</u> e tinha <u>assessoramento de profissionais e uma equipe.</u> Visitei muitas perto da minha casa, mas não <u>recebi o apoio que recebi na Canguru.</u></p> <p><b><i>V – A escola correspondeu às suas expectativas?</i></b>                      L – Sim, <u>pela acolhida, em geral (ficou pensativa e emocionada...)</u> pelo nível de convivência e tive muita confiança em nível de <u>supervisão feita por ti na escola e no centro clínico.</u></p> <p><b><i>V – Indica algumas atividades marcantes da Escola na época?</i></b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprendizagem, gosto pelo fazer...</li> <li>- Supervisão, confiança</li> <li>- Confiança no trabalho</li>   <li>- Família (parcela de responsabilidade)</li> <li>- Trabalho família com a Escola</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inclusão</li> <li>- Formação continuada</li>   <li>- APM (como apoio as atividades da Escola)</li> </ul>

<p>L – Em todas as atividades me marcou, pela presença de todas as <u>crianças (normais ou com dificuldades)</u> tinham oportunidades, eram <u>respeitados na sua maneira de ser</u>. Ai, as festas foram marcantes, mesmo eu, assistindo “meio escondida”, pois Maria Fernanda não podia me ver que chorava... Tenho vontade de chorar também disse Luciana, emocionada.</p> <p><b><i>V – Lu, quais os aspectos que tu destacarias como positivos da escola, naquela época?</i></b></p> <p>L – A Escola que a Maria Fernanda participou fez toda a diferença, a participação da família, na qual a <u>Vera inclusive fez um encontro com toda a família para conversarmos sobre o autismo</u> e o que poderíamos esperar da Maria Fernanda, ao longo do tempo. Na época e até agora, a <u>descrença é geral, ela é autista</u>. <u>Minha participação na APM (troca de idéias, debates e discussões sobre assuntos como autonomia, limites...)</u></p>		
<p><b><i>V – Que aspectos tua memória recordas como práticas não adequadas. Por quê?</i></b></p> <p>L – Na época, a mãe eu (pensou para falar) no atendimento clínico me senti enrolada, pois a fono não sabia trabalhar com autismo, a escola não tinha nada haver e foi difícil separar a Escola com o Centro Clínico. <u>Precisava repensar o currículo em Educação Especial, pois minha filha não pode esperar mais para que isto ocorra</u>.</p> <p><b><i>V – Lu, mais alguma coisa que gostarias de dizer que não foi perguntado por mim?</i></b></p> <p>L – Vera, depois da tua vinda para a cidade de São Leopoldo, coloquei a Maria Fernanda numa Escola Infantil onde eu seria a supervisora pedagógica. Frequentou por 3 anos, de 2005 a 2008, lá percorreu toda a fase de jardim, era atendida por musicoterapeuta, por uma professora formada, por uma estudante de pedagogia, por uma fono, e em casa, sempre era estimulada.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mãe com desconfiança em relação ao atendimento clínico (autismo)</li>   <li>- Boas lembranças</li> <li>- Acredita em equipe de profissionais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Repensar currículo de educação especial</li>   <li>- Forma de selecionar profissionais para o trabalho com inclusão</li> </ul>

<p>Mas qual a minha surpresa (disse ela de relance com lágrimas nos olhos), <u>não consegui ainda matricular minha filha em escola alguma de Ensino Regular</u>, após uma tentativa frustrada por 30 dias em que ela não conseguiu se adaptar numa escola na zona sul de Porto Alegre, que trabalhava com inclusão, ela se negava a ficar e só fez <u>vínculo com a estagiária que não era “fixa” na sala de aula</u>.</p> <p>Até o momento, ela está em casa sendo atendida por uma professora, por três vezes na semana... entendes agora porque clamo <u>tanto por uma mudança no currículo e um olhar para a escola e para os profissionais</u>.</p>		
--	--	--

Quadro analítico adaptado de SZYMANSKI (2004)

Nome Completo: **T. L. S. C.**

Fone: 51 91215121

Data de Nascimento: 04/02/1978

Profissão: Fonoaudióloga

Época (ano) em que manteve relação com a Escola (início e término): OUT. 2001 até DEZ. 2004 (POA)

<b>DEPOIMENTO</b>	<b>UNIDADE DE SIGNIFICADOS</b>	<b>DIMENSÕES</b>
<p><b><i>V – Quais as atividades realizadas por ti na Escola e no Centro Clínico?</i></b>                      T – As minhas atividades eram de: atendimento clínico, fonoaudiológico, orientação aos pais e aos professores, treinamento técnico especializado aos professores e triagem escolar nos alunos.</p> <p><b><i>V – Quem te indicou a Escola?</i></b>                      T – Foi à neurologista que te conhecia e conhecia também o Centro Clínico, como fono.</p> <p><b><i>V – Que lembranças guardas da Escola Canguru?</i></b>                      T – As melhores lembranças possíveis. A equipe era muito bem treinada, com profissionais altamente qualificados. Sempre foi priorizada a organização de materiais e atividades para seus alunos. Além disso, a coordenação da escola era muito eficiente e a educação feita com seriedade e compromisso.</p>		
<p><b><i>V – Podes recordar algum momento em especial? Por que ele é considerado “especial”?</i></b>                      T – Todos os momentos foram muito bons dentro da escola, mas lembro de um evento onde que a escola promoveu, onde houve uma apresentação de crianças com síndrome de down, que fiquei muito emocionada, por saber que eu também fazia parte daquela conquista.</p> <p><b><i>V – Acreditavas na Equipe Interdisciplinar que foi estruturada também com sua presença? Por quê?</i></b>                      T – Sim, plenamente. Se eu não acreditasse, eu não teria permanecido por tanto tempo. Creio que lá na escola, nós da equipe, pudemos fazer muito pelos alunos e também aprendemos muito com eles.</p>		

<p><b>V – Estas atividades corresponderam às tuas expectativas? Por quê?</b>  T – Sim, pois o planejamento foi criado e executado pelas mesmas pessoas. Não Houve planejamento onde a equipe não tivesse toda engajada. Isso foi fundamental para o sucesso.</p> <p><b>V – Indique algumas atividades, relacionadas a tua área, que foram “marcantes” na Escola e no Centro Clínico naquela época, principalmente no que diz respeito à inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais:</b>  T – Uma das atividades marcantes era quando eu acompanhava o almoço das crianças, onde uma delas era síndrome de down. Era muito interessante, pois todas as orientações dadas a esta criança m especial, as demais que não possuíam nenhum problema, também realizavam, e acabavam tendo uma maneira de se alimentar mais correta.</p>		
<p><b>V – Que aspectos tua memória destaca com opositivos? E quais recordam como não tão adequadas?</b>  T – Não tenho nenhum momento que tenha sido inadequado. Para mim todos eram adequados, e quando não era nossa equipe estava sempre unida para resolver. Vários pontos podem ser destacados, mas principalmente a educação que lá na escola as crianças receberam.</p> <p><b>V – Tatiana gostaria de acrescentar mais alguma idéia? Alguma passagem importante?</b>  T – Creio que minha passagem pela escola, foi fundamental para minha formação de hoje. Posso dizer que sou uma profissional completa hoje, pois pude ter na escola todas as experiências positivas para meu crescimento pessoal e profissional. Conheci grandes profissionais e grande pessoas que contribuíram muita para minha profissão.</p> <p><b>V – Se puderes, coloca alguma coisa sobre o que achas e o que podes observar sobre a Educação Continuada dos professores especializados, na época.</b>  T – Em relação à formação de professores, creio ser de extrema importância, a formação continuada de professores especialistas. Com</p>		



<p>as formações, eles podem ter mais recursos no seu trabalho diário, conseguindo criar situações de ensino e aprendizagem, muito mais valiosas e ricas de conhecimento. Se o professor para de estudar, seu conceito cai em desuso. É importante que as coordenações das escolas possam ter esta visão mais ampla de formação de professores e disponibilizem a eles estas possibilidades.</p>		
---	--	--

Quadro analítico adaptado de SZYMANSKI (2004)

Nome Completo: **Luciana Nascimento de Queiroz**

Data de Nascimento: 12/05/1971

Profissão: Psicopedagoga

Época (ano) em que teve com a Escola Canguru: todo o ano de 2004, neste ano participou como mãe da APM.

DEPOIMENTO	UNIDADE DE SIGNIFICADOS	DIMENSÕES
<p><b><i>V – Luciana, como mãe, que lembranças tu guardas da Escola Canguru?</i></b>                      L – <u>Sentimentos fortes</u> (parou e pensou), via a Maria Fernanda devido a sua síndrome “fazendo ou não fazendo” (ela me olhou disse: Vera, a Maria Fernanda parou de falar aos 2 anos) e a Escola <u>me permitia ver a minha filha</u>, mesmo realizando poucas coisas, a Escola aparava a minha queda, <u>favorecendo uma adaptação entre mãe e filha</u>.                      Na época, afirma Luciana, existia <u>uma troca muito grande com a Escola. O olho dele falava</u>.</p> <p><b><i>V – Quem te indicou a Escola?</i></b>                      L – Foi a neurologista que te conhecia e conhecia também o Centro Clínico, onde a Maria Fernanda poderia ser assessorada por uma fonoaudióloga.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Afetividade</li> <li>- O olhar diferente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Momento pedagógico</li> <li>- Mediadores comunicações: O olhar - toque... com inclusão.</li> </ul>
<p><b><i>V – Porque procuraste esta Escola para deixar sua filha?</i></b>                      L - Por ser uma Escola que trabalhava <u>com a Inclusão</u> e tinha <u>assessoramento de profissionais e uma equipe</u>. Visitei muitas perto da minha casa, mas não <u>recebi o apoio que recebi na Canguru</u>.</p> <p><b><i>V – A escola correspondeu às suas expectativas?</i></b>                      L – Sim, pela acolhida, em geral (ficou pensativa e emocionada...) pelo nível de convivência e tive muita confiança em nível de <u>supervisão feita por ti na escola e no centro clínico</u>.</p> <p><b><i>V – Indica algumas atividades marcantes da Escola na época?</i></b>                      L – Em todas as atividades me marcou, pela presença de todas as</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprendizagem, gosto pelo fazer...</li> <li>- Supervisão, confiança</li> <li>- Confiança no trabalho</li>   <li>- Família (parcela de responsabilidade)</li> <li>- Trabalho família com a Escola</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inclusão</li> <li>- Formação continuada</li>   <li>- APM (como apoio as atividades da Escola)</li> </ul>

<p>crianças (normais ou com dificuldades) tinham oportunidades, eram respeitados na sua maneira de ser. Ai, as festas foram marcantes, mesmo eu, assistindo “meio escondida”, pois Maria Fernanda não podia me ver que chorava... Tenho vontade de chorar também disse Luciana, emocionada.</p> <p><b>V – Lu, quais os aspectos que tu destacarias como positivos da escola, naquela época?</b></p> <p>L – A Escola que a Maria Fernanda participou fez toda a diferença, a participação da família, na qual a <u>Vera inclusive fez um encontro com toda a família para conversarmos sobre o autismo</u> e o que poderíamos esperar da Maria Fernanda, ao longo do tempo. Na época e até agora, a descrença é geral, ela é autista.</p> <p><u>Minha participação na APM (troca de idéias, debates e discussões sobre assuntos como autonomia, limites...)</u></p>		
<p><b>V – Que aspectos tua memória recordas como práticas não adequadas. Por quê?</b></p> <p>L – Na época, a mãe eu (pensou para falar) no atendimento clínico me senti enrolada, pois a fono não sabia trabalhar com autismo, a escola não tinha nada haver e foi difícil separar a Escola com o Centro Clínico. <u>Precisava repensar o currículo em Educação Especial, pois minha filha não pode esperar mais para que isto ocorra.</u></p> <p><b>V – Lu, mais alguma coisa que gostarias de dizer que não foi perguntado por mim?</b></p> <p>L – Vera, depois da tua vinda para a cidade de São Leopoldo, coloquei a Maria Fernanda numa Escola Infantil onde eu seria a supervisora pedagógica. Frequentou por 3 anos, de 2005 a 2008, lá percorreu toda a fase de jardim, era atendida por musicoterapeuta, por uma professora formada, por uma estudante de pedagogia, por uma fono, e em casa, sempre era estimulada.</p> <p>Mas qual a minha surpresa (disse ela de relance com lágrimas nos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mãe com desconfiança em relação ao atendimento clínico (autismo)</li> <li>- Boas lembranças</li> <li>- Acredita em equipe de profissionais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Repensar currículo de educação especial</li> <li>- Forma de selecionar profissionais para o trabalho com inclusão</li> </ul>

<p>olhos), <u>não consegui ainda matricular minha filha em escola alguma de Ensino Regular</u>, após uma tentativa frustrada por 30 dias em que ela não conseguiu se adaptar numa escola na zona sul de Porto Alegre, que trabalhava com inclusão, ela se negava a ficar e só fez <u>vínculo com a estagiária que não era “fixa” na sala de aula</u>. Até o momento, ela está em casa sendo atendida por uma professora, por três vezes na semana... entendes agora porque clamo <u>tanto por uma mudança no currículo e um olhar para a escola e para os profissionais</u>.</p>		
--	--	--

Quadro analítico adaptado de SZYMANSKI (2004)

Nome Completo: **T. L. S. C.**

Fone: 51 91215121

Data de Nascimento: 04/02/1978

Profissão: Fonoaudióloga

Época (ano) em que manteve relação com a Escola (início e término): OUT. 2001 até DEZ. 2004 (POA)

DEPOIMENTO	UNIDADE DE SIGNIFICADOS	DIMENSÕES
<p><b><i>V – Quais as atividades realizadas por ti na Escola e no Centro Clínico?</i></b>                      T – As minhas atividades eram de: atendimento clínico, fonoaudiológico, orientação aos pais e aos professores, treinamento técnico especializado aos professores e triagem escolar nos alunos.</p> <p><b><i>V – Quem te indicou a Escola?</i></b>                      T – Foi à neurologista que te conhecia e conhecia também o Centro Clínico, como fono.</p> <p><b><i>V – Que lembranças guardas da Escola Canguru?</i></b>                      T – As melhores lembranças possíveis. A equipe era muito bem treinada, com profissionais altamente qualificados. Sempre foi priorizada a organização de materiais e atividades para seus alunos. Além disso, a coordenação da escola era muito eficiente e a educação feita com seriedade e compromisso.</p>		
<p><b><i>V – Podes recordar algum momento em especial? Por que ele é considerado “especial”?</i></b>                      T – Todos os momentos foram muito bons dentro da escola, mas lembro de um evento onde que a escola promoveu, onde houve uma apresentação de crianças com síndrome de down, que fiquei muito emocionada, por saber que eu também fazia parte daquela conquista.</p> <p><b><i>V – Acreditavas na Equipe Interdisciplinar que foi estruturada também com sua presença? Por quê?</i></b>                      T – Sim, plenamente. Se eu não acreditasse, eu não teria permanecido por tanto tempo. Creio que lá na escola, nós da equipe,</p>		

<p>podemos fazer muito pelos alunos e também aprendemos muito com eles.</p> <p><b><i>V – Estas atividades corresponderam às tuas expectativas? Por quê?</i></b></p> <p>T – Sim, pois o planejamento foi criado e executado pelas mesmas pessoas. Não Houve planejamento onde a equipe não tivesse toda engajada. Isso foi fundamental para o sucesso.</p> <p><b><i>V – Indique algumas atividades, relacionadas a tua área, que foram “marcantes” na Escola e no Centro Clínico naquela época, principalmente no que diz respeito à inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais:</i></b></p> <p>T – Uma das atividades marcantes era quando eu acompanhava o almoço das crianças, onde uma delas era síndrome de down. Era muito interessante, pois todas as orientações dadas a esta criança m especial, as demais que não possuíam nenhum problema, também realizavam, e acabavam tendo uma maneira de se alimentar mais correta.</p>		
<p><b><i>V – Que aspectos tua memória destaca com opositivos? E quais recordam como não tão adequadas?</i></b></p> <p>T – Não tenho nenhum momento que tenha sido inadequado. Para mim todos eram adequados, e quando não era nossa equipe estava sempre unida para resolver. Vários pontos podem ser destacados, mas principalmente a educação que lá na escola as crianças receberam.</p> <p><b><i>V – Tatiana gostaria de acrescentar mais alguma idéia? Alguma passagem importante?</i></b></p> <p>T – Creio que minha passagem pela escola, foi fundamental para minha formação de hoje. Posso dizer que sou uma profissional completa hoje, pois pude ter na escola todas as experiências positivas para meu crescimento pessoal e profissional. Conheci grandes profissionais e grande pessoas que contribuíram muita para minha profissão.</p> <p><b><i>V – Se puderes, coloca alguma coisa sobre o que achas e o que</i></b></p>		

*podes observar sobre a Educação Continuada dos professores especializados, na época.*

T – Em relação à formação de professores, creio ser de extrema importância, a formação continuada de professores especialistas. Com as formações, eles podem ter mais recursos no seu trabalho diário, conseguindo criar situações de ensino e aprendizagem, muito mais valiosas e ricas de conhecimento. Se o professor para de estudar, seu conceito cai em desuso. É importante que as coordenações das escolas possam ter esta visão mais ampla de formação de professores e disponibilizem a eles estas possibilidades.





família não conseguia entender porque as crianças apresentavam facilidade para sentar, caminhar, engatinhar. Me lembro também de um caso de inclusão que tínhamos na época, (risos), era o nosso “anãozinho”, que a mãe trazia todo tapado e que depois saiu da creche caminhando normalmente, controlando o xixi e o cocô, e que foi para o Colégio Anchieta... (chora e para)...realmente é emocionante...

***V – Porque a tristeza quando se refere a este menino?***

M.H. – É que me lembrei de uma vez que este menino estava descendo a lomba que ficava ao lado da praça, e saindo com o pai ele rolou na descida, em função da cabeça ser muito grande, comparado ao resto do corpo. O Canguru sempre se preocupou em olhar a individualidade da criança, mesmo que naquela época não tínhamos todos os materiais e profissionais bons de hoje em dia.

***V – Quem te indicou o Canguru?***

M.H. – Minha irmã conhecia a mãe da Vera e eu fui conversar e pedir uma vaga. A Vera, na época, estava em licença gestante e disse que no início do ano teria uma vaga para o turno da tarde do Berçário I, (risos), e foi assim que eu comecei, e neste ano de 1984, na época eu tinha o 2º grau completo e só sabia lidar com meus filhos (risos). O fato do meu filho caçula, Cassiano, ter tido paralisia infantil, necessitando de fisioterapia diária no turno contrário ao que eu trabalhava foi me fazendo sentir a necessidade de uma melhor formação profissional, o que me levou a procurar cursos coordenados por profissionais da área, inclusive com a tua supervisão, Vera, sempre me proporcionando a formação necessária, mesmo que para os elementos de outras áreas como a secretaria da saúde, sendo esta última, o elemento que regulamentava o funcionamento das creches e berçários, naquela

época.

***V – Há 25 anos atrás, o que poderias relacionar com a atualidade e o que foi importante para ti?***

M.H. – Tínhamos formação continuada com a professora de música Leda Mársilo, com a professora de artes, Suzana Campozani, como fonoaudióloga e a “parte pedagógica”, era feita por ti Vera, sempre muito preocupada com a nossa formação, nas diversas áreas. Tu te lembras Vera (Maria Helena pergunta) que tu nos ensinavas como dar uma mamadeira ao bebê evitando que ele ficasse deitado, tu também explicava o correto uso da colher. Eu sentia a criança preparada para a “escola grande”, porque ela cantava, pulava, era um “sujeito social” e também já falava de acordo com a idade. Também aprendi muito a lidar com meus filhos, pois através da formação e do contato com outros profissionais, cresci muito (...), tanto que depois que saí da Canguru, passei por mais duas escolas de educação infantil e não consegui ficar, pois não sentia firmeza, não havia rotina e as crianças eram “apenas cuidadas”.

***V – Que aspectos tua memória destaca como positivos?***

M.H. – Ah, com certeza o fato de saber como a gente foi importante para a criança desde bebê e que no decorrer do tempo, a família também teve esta confiança, deixando a criança comigo em períodos à noite, para que a mãe pudesse trabalhar como nesse caso, a mãe era jornalista. Passou 6 anos no Berçário e Creche e depois foi para o Colégio Anchieta e continuei com esta criança, mesmo ele já tendo saído da creche para mim, isto ficou na minha memória... Bah, isso me toca muito, que saudades disso tudo (demonstra emoção ao relatar este fato). Outra coisa Vera, tu nem sabes, semana passada encontrei este mesmo menino no shopping Iguatemi em Porto Alegre. Ele estava num grupo, passou me viu e me chamou de “Tia Lena”. Me admirei e voltei, dando de cara com

- Prática junto aos professores por parte da Supervisão

- Importância dada à formação

- Formação contínua entre o cuidar e educar.

este menino, com mais de 20 anos, me emocionei e chorei quando nos despedimos. É tão bom quando percebemos que passamos coisas boas para ele (disse chorando).

Sabe Vera, tenho um hábito de olhar fotografias, e nesses momentos vejo aqueles bebês e sinto muitas saudades, me lembro também não gostava quando alunos meus eram “passados” para outro nível (faixa etária), pois lá já caminhavam, se expressavam e tinham mais autonomia, e eu ficava com ciúmes.

***V – Tem alguns momentos não tão adequados, que ficou gravado na tua memória?***

M.H. – Com crianças não, mas com as famílias sim, pais que não aceitavam a sexualidade dos filhos, era uma dificuldade conversar com a mãe que o menino não era menina, usando roupas de “babado”, também tinha aquele pai que não sabia respeitar o profissional, e diga-se de passagem, pai de classe social elevada, por isso a necessidade da formação do profissional para encarar estas situações de relacionamento.

O grupo era muito unido e “fazia parte” para que pudéssemos passar também para profissionais de outras Escolas, as nossas experiências.

***V – Neste momento, para encerrarmos, terias mais alguma outra coisa para nos relatar que eu tenha me esquecido?***

M.H. – Olha Vera, tenho a dizer que sinto muitas saudades do Berçário e Creche Mamã Canguru, esta instituição me marcou muito em relação às pessoas como tu, Vera, formou, até porque nem todas eram professoras e mesmo assim, conseguistes formar para trabalhar com bebês. Eu ajudava quando era necessário em outros grupos, tu passavas tudo que ela precisava.

Tenho saudades da convivência que tínhamos entre nós, não só colegas, mas um grupo que enfrentou duas mudanças de plano

- Dificuldades para trabalhar junto às famílias, aspectos do desenvolvimento infantil.

- Tira de experiência

- Afetividade presente nas relações

- Respeito humano (ao profissional e pessoa)

- Crescimento dos profissionais

- Prática junto aos professores por parte da Supervisão

- Importância dada à formação

- Formação profissional

- Escola com profissional que tem carinho pelas crianças, pela escola e por seus colegas da época

<p>político, e isto foi um “marco”, pois sabíamos da tua integridade, sabíamos também, que não perderíamos o emprego por qualquer motivo. Isso era um diferencial da <u>Mamãe Canguru, o modo de trabalho e a forma que os funcionários eram tratados, até porque minha filha também trabalhou na instituição.</u> Não adianta Vera, “tem escolas e escolas”. <u>Lidar com crianças é muito importante, é dedicação, cuidado e educação!</u></p>		
--	--	--

**Quadro analítico adaptado de SZYMANSKI (2004)**

Nome Completo: **Paula Luiza Souza da Costa**

Fone: 51 9984-5824

Data de Nascimento: 23/09/1949

Profissão: Auxiliar de Creche

Nº de filhos: 02

Época (ano) em que teve com a Escola Canguru: 1981 a 2001

DEPOIMENTO	UNIDADE DE SIGNIFICADOS	DIMENSÕES
<p><i>V – Quais as lembranças que guardas do Berçário e Creche Mamãe Canguru?</i>  P. – Olha... (parou e pensou), eu guardo <u>lembranças bem boas</u>, principalmente porque as minhas filhas estiveram no Canguru e também porque <u>eu aprendi muitas coisas lá</u>, e foi um <u>trabalho que eu sempre gostei de desempenhar</u>.</p> <p><i>V – Podes recordar algum momento em especial? Qual o motivo da escolha deste?</i>  P. – Eu acho que assim: crianças que eram da escola e que ainda mantenho contato até hoje, e que <u>as mães destas sempre depositaram muita confiança no meu trabalho</u>. E o que ainda me emociona muito é que <u>ainda encontro essas crianças e eles transmitem aquele afeto, aquele carinho</u>, e eu acho que essas são as lembranças boas que me marcaram bastante e que eu guardo até hoje.</p> <p><i>V – Quem te indicou a Escola (na época Creche)?</i>  P. – Eu cheguei lá porque eu conhecia uma mãe lá da escola e eu disse pra ela que <u>eu gostava muito de criança</u> e que gostaria de trabalhar numa escola. Bom, daí ela, que tinha filhos lá na Canguru, chegou um dia e me disse: olha, Paula, elas estão precisando de</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Boas lembranças</li> <li>- Aprendizagem em serviço</li> <li>- Gosto pelo fazer</li>   <li>- Mães confiavam no trabalho realizado</li> <li>- Afeto ainda hoje demonstrado pelos ex-alunos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formação continuada</li>   <li>- Proposta legitimada p/ pais</li> <li>- Afeto na proposta pedagógica</li> </ul>

uma pessoa para trabalhar e eu acho que tu é indicada para trabalhar lá. Se tu quiseres, vai lá. Foi a Cláudia Rizzo que me disse isso, ela tinha dois filhos matriculados, naquela época.

**V – Paula, como acompanhastes a escola ao longo destes anos? Podes relacionar o que foi marcante e por que?**

P. – Eu acho que foi o crescimento da escola, o desenvolvimento da escola como uma instituição...(parou para pensar). É, eu acho que isso foi o que mais marcou esse tempo que eu tive lá.

**V – Tem alguns momentos não tão adequados que permanecem na tua memória?**

P. – Ah, sempre tem, né? (muita indecisão). Alguma coisa que acontece, que não tá legal, que faltou, mas agora assim, no momento não me vem na cabeça o que eu posso falar ou elencar o que faltou, o que não era tão legal ou coisa assim.

**V – Paula, gostarias de acrescentar mais alguma coisa, visto ainda continuares trabalhando com bebês?**

P. – É o afeto que eu tenho por eles (se emociona). Eu acho que é uma coisa que eu tenho ainda em mim em função de eu gostar de criança, de eu gostar do que eu faço. Eu sempre tive assim um carinho pelas crianças, pelo meu trabalho, pelo local onde eu trabalho... Então, é por isso que eu gosto.

**V – Paula, lembrás das assessorias realizadas aos Berçários, Creches e Pré-escolas? O que lembrás?**

P. – Eram...sim, tinha bastante cursos. Ah, inclusive os de primeiros socorros, os cursos sobre desenvolvimento das crianças. E houve outros que nós tivemos para a formação de professores e isso sempre foi muito importante, pois fez a Canguru crescer, e a gente vai crescendo junto disso aí. A Vera estava sempre fornecendo essa

- Profissionais que gosta de crianças
- Mãe indica profissional para a escola
- A escola cresceu como instituição
- Afetividade presente nas relações
- Aprendizagem/crescimento na ação
- Profissional revela gosto pelo fazer

- Cursos diversos e permanentes
- Aprendizagem em serviço
- Grau máximo de importância dada á formação

- Crescimento dos profissionais

- Forma de seleccionar profissionais com referências e com critérios

- Instituição em processo de desenvolvimento

- Formação continuada
- Afeto como componente da proposta pedagógica

- Escola co profissional que tem carinho pela criança e gosto pela escola em que atuou

- Formação continuada

- Formação continuada = crescimento dos profissionais da escola

oportunidade, então, eu acho que foi muito bom, muito bom o que eu aprendi, o que eu sempre passei para as crianças e para os colegas, muito devido às assessorias.

***V – Gostarias de acrescentar mais algum detalhe importante?***

P. – Ah, eu gostaria sim, de acrescentar que o Berçário e Creche Mamã Canguru cresceu e fez com que os profissionais, crescessem junto, e isso sempre foi muito importante.

## **ANEXOS**